

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Pedro Paulo Dias

**MAL-ESTAR NA CULTURA OU CULTURA DO MAL: o fascismo, a perversão e o  
social**

Belo Horizonte

2024

Pedro Paulo Dias

**MAL-ESTAR NA CULTURA OU CULTURA DO MAL: o fascismo, a perversão e o social**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte

2024

150	Dias, Pedro Paulo.
D541m	O mal-estar na cultura ou cultura do mal [recurso eletrônico] : o fascismo, a perversão e o social / Pedro Paulo Dias. - 2024.
2024	1 recurso online (47 f. ): pdf Orientador: Guilherme Massara Rocha.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Fascismo - Teses. 3. Gozo - Teses. 4. Superego – Teses. I. Rocha, Guilherme Massara . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE PEDRO PAULO DIAS

Realizou-se, no dia 09 de dezembro de 2024, às 09:00 horas, VIRTUAL, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada O MAL-ESTAR NA CULTURA OU CULTURA DO MAL: O FASCISMO, A PERVERSÃO E O SOCIAL., apresentada por PEDRO PAULO DIAS, número de registro 2022689423, graduado no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Guilherme Massara Rocha - Orientador (UFMG), Prof(a). Marcus Cesar Ricci Teshainer (Latesfip - USP), Prof(a). Andrea Maris Campos Guerra (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Maris Campos Guerra, Professora do Magistério Superior**, em 10/01/2025, às 08:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcus Cesar Ricci Teshainer, Usuário Externo**, em 12/01/2025, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Massara Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 28/01/2025, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3802872** e o código CRC **74059EB4**.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador, Guilherme Massara, pelo acompanhamento e pelas cuidadosas observações que me possibilitaram avanços teóricos, bem como pela paciência diante de meu apego ao texto, que, por vezes, produziu travamentos desnecessários.

Às professoras Andréia Guerra e Cassandra Pereira, pela aposta que fizeram na minha proposta de pesquisa, o que me permitiu chegar a esse processo significativo da experiência do mestrado.

Sou grato ao meu filho, Miguel Dias, pela presença, carinho e amor, sem o qual nada faz sentido.

Agradeço ao amigo Rodrigo Almeida, pelas conversas e trocas que permitiram algum ponto de abertura para outras leituras.

Finalmente, agradeço à CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, pelo apoio e pela concessão de condições para a conclusão deste trabalho em circunstâncias atípicas.

## RESUMO

O presente trabalho provém de uma pesquisa de mestrado que parte da seguinte pergunta: seria possível ler o fascismo como uma perversão no âmbito social? Partindo desse pressuposto, esta pesquisa convoca a psicanálise a uma conversa com a ciência política e com a história, a partir da metapsicologia freudiana e da teoria lacaniana. Considera-se que, no fascismo, há um processo de mobilização de afetos, pela via da palavra, como medo, raiva, mágoa, ressentimento e, fundamentalmente, a conseqüente produção de angústia naqueles que não se identificam como adeptos de determinado modo de engendrar o exame da realidade. Assim, este trabalho busca compreender a expressão de uma agressividade, que transita para a hostilidade e se realiza em atos de violência física e/ou simbólica. Para tanto, observamos que o uso das redes digitais, como meio de operação de um discurso que efetiva uma mudança radical no modo de leitura da realidade, é um aspecto importante na constituição e na consolidação do poder.

Cabe-nos observar que esse discurso captura, por algum tempo, inclusive algumas pessoas que não necessariamente partilham dos ideais do fascismo. Para atingir tal ponto, o fascista se utiliza de uma estrutura ilusória, em que um fragmento de algo verdadeiro se associa a algo falso, formando uma estrutura semiótica potente, como ferramenta política, da forma como se verifica na atualidade, com as chamadas *fake news*. No entanto, na estrutura fascista, elas são tidas como verdade. Nesse sentido, as *fake news* estruturam uma organização em que a dúvida se apresenta em um primeiro momento àqueles (sujeitos e/ou instituições) que serão colocados como agentes de certo mal. Uma vez que a dúvida esteja disseminada, centralizam-se sobre a figura do líder, o poder e a identidade. Assim, a legitimidade do saber/verdade emana dele; o qual, portanto, apresenta-se como um senhor do Gozo.

Operadores psicanalíticos maiores, tais como a fantasia, o ideal do eu/supereu, gozo, clivagem do eu, entre outros, vão nos auxiliar a interrogar ainda o lugar do sujeito ante esse arranjo de forças e condições.

Palavras-chave: fascismo; perversão; fantasia; gozo; supereu.

## ABSTRACT

This work comes from a master's degree research that starts with the following question: would it be possible to read fascism as a perversion in the social sphere? Based on this assumption, it calls psychoanalysis into a conversation with political science, history, based on Freudian metapsychology and Lacanian theory. It is considered that, in fascism, there is a process of mobilization of affections, through words, such as fear, anger, hurt, resentment and, fundamentally, the consequent production of anguish in those who do not identify themselves as adherents to a certain way of thinking. engender the examination of reality. In this work, we seek to understand the expression of aggressiveness, which transitions to hostility and which takes place in acts of physical and/or symbolic violence. To this end, we observe that the use of digital networks, as a means of operating a discourse, which brings about a radical change in the way reality is read, is an important aspect in the constitution and consolidation of power.

It is worth noting that this discourse captures, for some time, even some people who do not necessarily share the ideals of fascism. To reach this point, the fascist uses an illusory structure, in which a fragment of something true is associated with something false, forming a powerful semiotic structure, as a political tool, as seen today, with the so-called Fake News. . However, in the fascist structure, they are taken as truth. In this sense, it structures an organization in which doubt initially arises about those (subjects and/or institutions) who will be placed as agents of a certain evil. Once doubt is disseminated, power and identity are centered on the figure of the leader. Thus, the legitimacy of knowledge/truth emanates from him, therefore, presenting himself as a lord of Enjoyment.

Major psychoanalytic operators, such as fantasy, the ideal of the self/superego, jouissance, cleavage of the self, among others, will help us to further interrogate the subject's place in relation to this arrangement of forces and conditions.

Keywords: fascism: perversion; fantasy; enjoyment; superego.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 DO ÓDIO FASCISTA AO IMPÉRIO DO GOZO: UM USO CONTEMPORÂNEO DAS MÍDIAS DIGITAIS</b> .....	10
2.1 Um retorno ao fascismo: como chegamos aqui? .....	10
2.2 Um império do gozo?.....	20
<b>3 FASCISMO E O DIREITO AO GOZO: O ÓDIO COMO FORMA DE LIGAÇÃO</b> ...	24
3.1 Fantasia, agressividade e formação do ideal do eu/supereu na estrutura do fascismo. Elementos sobre a fantasia neurótica e o sadismo .....	24
3.2 A agressividade: um destino possível .....	27
3.3 Supereu: fantasia e destinos da agressividade .....	29
3.4 Fascismo, fetiche e o direito ao gozo: o ódio é uma via de ligação? Elementos para uma compreensão do fascismo à brasileira: a incidência do significante comunista .....	32
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte de algumas perguntas diante da atualidade brasileira, a saber: quais são os caminhos que levam uma parcela da sociedade a aceitar como válidos discurso e proposições autoritárias e a cancelar ataques aos direitos universais, às minorias e de gênero, orientação sexual, raça, classe social e posições políticas? Qual o papel do líder, autoritário, nessa engrenagem? Observa-se que, no caso brasileiro, o ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) nunca escondeu seu pendor ao autoritarismo e, por diversas vezes, defendeu a tortura e a eliminação física de adversários. Assim, como é possível ter conseguido votos suficientes para a composição de um governo?

O grau de agressividade observado nos atos e nas falas do ex-presidente Jair Bolsonaro não deveria ter sido suficiente para afastar uma parcela significativa do eleitorado? E, mesmo assim, com um discurso eminentemente fascista, não ter sido eleito?

Em 1930, tanto o fascismo quanto o nazismo já operavam. Não sem sentido, Freud publica, no mesmo ano, o texto *Mal-estar na civilização* cuja atualidade, em nosso século, não deve ser desprezada. Nessa conjuntura, a perspectiva do embate entre a pulsão de morte e a pulsão de vida e a agressividade envolvida na relação do indivíduo com a sociedade, bem como, na atualidade, a primazia do princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade, são questões a serem consideradas.

Os processos desencadeados pela identificação com o líder, por parte dos membros do grupo e entre si, como observa Freud no texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, trazem elementos importantes para a compreensão da sedução operada dentro da formação grupal em decorrência da posição adotada pelo líder, estruturalmente em função da miragem imaginária. Portanto, é possível considerar que o retorno ao narcisismo primordial, naquilo que se sustenta em uma megalomania, como aponta Freud no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, a respeito da esquizofrenia, é também observável no líder do grupo, ainda que não seja psicótico, pois o que está em causa é o narcisismo (Freud, 1914/1996).

Há, também, o componente da pulsão sádica e, aqui, ela se destaca no que produz de satisfação narcísica de antigos desejos de onipotência do ego. Não está aí um traço distintivo do sujeito autoritário (Freud, 1930/1996)?

Assim, considerando como hipótese que há uma recusa radical, por parte do líder autoritário, de sua subjetividade no sentido de sua divisão e, por sua vez, seus seguidores e a burocracia estatal iriam se colocar em uma posição instrumental em relação ao Outro, ao se fazer instrumento da vontade deste, isso apontaria para uma montagem perversa ou para uma

perversão como tal.<sup>1</sup>

Tendo como base as informações levantadas até o momento, acredita-se como hipótese de pesquisa que, nesse contexto, há diversas construções defensivas e a separação de um grupo que pode ser direcionado (de modo fetichista) à exclusão e a todo tipo de agressividade. Para além de buscar afastar a angústia – o real –, esse arranjo aponta para uma vitória da pulsão de morte como vertente discursiva do ódio e seu efeito no social. Assim, como observado durante o pleito presidencial brasileiro de 2018 e, no passado recente, na condução da pandemia de Covid-19, a manobra desse afeto, o ódio, produziu efeitos de intensificação do mal-estar, expresso por atos e falas que se espraiaram pela sociedade.

Nesse sentido, esta pesquisa parte da hipótese de que o fascismo, como uma forma discursiva de uma perversão social, maneja a raiva, o medo e a agressividade difusa na sociedade e a direciona a determinado grupo (objeto fetichista), apontando-o como culpado das dificuldades econômicas, sociais e políticas, e somente com a exclusão desse objeto será possível restaurar a ordem. Desse modo, o conhecido uso de mídias digitais, estruturando uma cultura digital com efeitos práticos no social, orientando a atenção e os afetos, pela via da disseminação de *fake news*, desinformação e mentiras, predomina. A novidade está em sua eficiência e abrangência. O logro desse ato está em fazer com que seus apoiadores sejam instrumentos do projeto de poder. É esse caráter instrumental que aponta para uma lógica perversa na relação com o social, pois, se, na democracia, o poder emana do povo; no fascismo, é subvertido para o poder que emana do líder – ele possui a chave do gozo. Como aponta Peixoto Junior, no livro *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura psicanalítica sobre a perversão*, “na perversão social o que se busca é a instalação de um saber a respeito do gozo como referente absoluto para a regulação social” (Peixoto Jr., 1999, p 290).

Refletindo sobre esses aspectos, nesta pesquisa buscamos investigar os processos com base nos conceitos fundamentais da psicanálise, vislumbrando impasses e saídas, considerando

---

<sup>1</sup> Em outra nuance relativa a essa hipótese, tomando como indicação as observações do professor Dr. Guilherme Massara Rocha, quando se considera o próprio ex-presidente como paradigma, há um reconhecimento público de sua divisão ou insuficiência, apresentando-se como um bufão, inculto e inadequado. Contudo, isso não anula a identificação, mas talvez, ao contrário, acabe a incitando ou acentuando. Como se algo se organizasse em torno da captura imaginária de que o líder é bufão, porque ele quer combater a elegância supostamente falsa e corrompida da esquerda; ele é inculto, porém seu pragmatismo vale mais do que a cultura degradada/degenerada de quem é de esquerda. Assim, ele é inadequado ou inconveniente, pois essa seria a única via (a da violência moral e prática) para submeter os valores decadentes de uma suposta burguesia ilustrada. Ele come pastel com caldo de cana – e, com isso, busca produzir um semblante de supressão da distância entre o líder e a massa – e zomba da “esquerda caviar”; anda de moto sem capacete e desafia – em ato – os supostos abusos legisladores das autoridades que insiste em acusar de monocráticas e burocráticas. Ou seja, a divisão/o gozo do líder parece existir e ser reconhecida. Entretanto, em vez de ser tomada em seus aspectos deploráveis, ela é exaltada como predicativo necessário para a imposição de outra via e de poder. Veremos como isso se dá mais à frente ao se considerarem os efeitos de contradições que sustentam o fascismo.

como eixo o discurso de ódio como forma de ligação, com efeito de produção da sociabilidade com traços fascistas por meio das redes digitais. Para tanto, utilizamos como metodologia de trabalho a produção de dois artigos, independentes, fundamentados em revisão de literatura, portanto de cunho teórico, cujas conexões se dão na introdução e na conclusão. Assim, o primeiro desses artigos versa sobre os efeitos do discurso de ódio, a partir da vertente do movimento fascista, com a utilização das mídias digitais, dando um breve destaque para a plataforma X (antigo Twitter) como meio de proliferação e intensificação do ódio direcionado a determinados agrupamentos sociais. No segundo artigo, fazemos uma discussão, buscando apresentar alguns elementos metapsicológicos relativos à agressividade, ao ódio como forma de ligação, ao supereu e ao gozo, tendo como problemática a ausência do tratamento simbólico do real como efeito direto de eclosão de uma violência institucionalmente valorada. Considerando a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa, opta-se pela área de concentração em Estudos Psicanalíticos, seguindo na linha de pesquisa dos Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

## **2 DO ÓDIO FASCISTA AO IMPÉRIO DO GOZO: UM USO CONTEMPORÂNEO DAS MÍDIAS DIGITAIS**

### **2.1 Um retorno ao fascismo: como chegamos aqui?**

De entrada, é preciso registrar que, ao falar de fascismo, encontramos-nos em uma situação difícil de determinações sobre sua estruturação. Portanto, neste trabalho, buscamos nos orientar em alguns pontos, a fim de evitar reduzir o fascismo a contradições relativamente simples. Desse modo, observa-se que parte do que organiza um fascínio pelo fascismo é sua estrutura, que aparece de maneira relativamente enigmática, com conteúdos opostos, como a afirmação do autoritarismo e a organização de uma rebelião (nos moldes revolucionários). Esse aspecto, por si só, já levaria a um processo longo de desenvolvimento de uma pesquisa no interesse de buscar compreensão sobre como se estrutura algo que busca ser autoritário ao mesmo tempo que se apropria dos recursos discursivos revolucionários, mobilizando as massas, em prol de um Estado forte, enquanto emprega meios objetivando a destruição desse Estado. Logo, o fascismo se apresentaria “como se se tratasse de uma facção destrutiva ou de uma sociedade secreta. Seja qual for o modo pelo qual abordemos o fascismo, descobrimos que é, ao mesmo tempo, algo e seu contrário, é A e não-A...” (Laclau, 1978, citando Órtega, 1927, p. 87).

Esse é um ponto que nos orienta diante da complexidade da questão. Passados cem anos, do surgimento do fascismo na Itália, já é possível observar que, embora ele tenha uma organização social que mobiliza as massas, colocando-se como revolucionário, é razoável dizer que o fascismo não seria, em si, revolucionário. De nossa parte, é preciso destacar a capacidade que o fascismo tem de operar, com relativa precisão, uma engenharia social, por algum tempo, em cima de tantas contradições – e capturar uma massa tão expressiva de apoiadores ao seu projeto. Isso faz com que uma parcela da sociedade lute para garantir a perda das liberdades, a exemplo dos direitos universais. Portanto, qualquer que seja a leitura sobre o fascismo, é preciso se ater às contradições e também observar suas características nacionais e históricas. Respeitando as características do presente trabalho, não será possível um aprofundamento maior e dilatado de alguns conceitos. Esperamos que, embora tenhamos de lidar com esse aspecto, possamos apresentar uma reflexão à altura da complexidade do tema, com um recorte da presença do fascismo no Brasil. Assim, partimos da observação mais generalista de que, historicamente, o fascismo se desloca de pequenos agrupamentos para consolidar uma grande massa de apoiadores, tanto na Itália de Mussolini, onde se deram seus primeiros movimentos, quanto na República de Weimar; países que enfrentavam graves crises econômicas após a

Primeira Guerra Mundial. Atualmente, elementos do fascismo são detectados, novamente e com pujança, no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa, por meio de políticos que sustentam discursos racistas, contrários à ciência, à intelectualidade, à imigração e aos direitos universais, tais como direitos civis de minorias, mulheres, crianças, pretos e indígenas, entre outros, obtendo grandes votações e permitindo a montagem de governos com essas plataformas.

Com a promessa de ascensão à verdade, o fascismo opera com sucesso, ainda que temporário, com base na captura imaginária e com eficácia, o que outros modelos ideológicos não conseguiram ou não intentaram fazê-lo. Para Paxton, a verdade do fascismo histórico era independente de correção no que se expressava, pois se impunha naquilo que intentava, qual seja realizar o destino de uma raça, dos eleitos, isto é, “...era tudo aquilo que permitisse ao novo homem (e à nova mulher) fascista dominar os demais, e tudo que levasse o povo eleito ao triunfo” (Paxton, 2007, p. 39).

Tudo isso dependeria do entranhamento místico, que se dá entre o líder e o destino do seu povo, o que eliminaria a necessidade de uma doutrina com a promessa de os indivíduos participarem de uma transformação social, formando uma nova coletividade, uma nova cultura. Nesse contexto, o fascismo promete e entrega uma comunidade para aqueles que se sentem excluídos do arranjo societário de determinada cultura. Sua intenção última, opressão/exploração, que é ocultada na estrutura ideológica inicial, como o nós e eles, posteriormente, reconfigura-se como o nós contra eles. Tendo isso em consideração, observamos, com base na discussão realizada em 15 de abril de 2024, na EBP seção Rio de Janeiro, pelo psicanalista Antônio Teixeira, acerca da deriva fascista do discurso capitalista, que há, no discurso capitalista, uma busca por homogeneização estruturada em um “nós”, constituindo uma universalização idealista “do todos iguais” e que “o fascismo absorve o discurso da ruptura para responder a alguma coisa que não se deixa suprimir na identificação homogeneizante do “todos iguais” (Teixeira, 2024). Portanto, ao se tentar estabelecer essa ideia de homogeneização, algo seria recalcado e retornaria como via possível para absorção do discurso fascista e com a consequente produção de seus efeitos de tensionamento. Segue o autor em sua apresentação:

O nós, agora reivindicado, se reveste no movimento da falsa promessa de um princípio político de um “nós” diferente dos outros. De um nós que remedia a indiferença do “nós” diferente dos outros. E, ao mesmo tempo, é um nós marcado pela ideia de solidariedade e camaradagem social. (Teixeira, 2024).

Isso incide exatamente sobre aqueles que se encontram, na estrutura do discurso capitalista, excluídos, em que haveria o esgarçamento do tensionamento que será recapturado

pelo movimento fascista, produzindo a instituição de um laço possível. Chamamos a atenção a isso na mudança de configuração do discurso do fascismo do “nós e eles” para “nós contra eles”. Cabe observar que esse discurso captura, por algum tempo, alguns que não necessariamente partilham dos ideais do fascismo. Para atingir tal ponto, o fascista se utiliza de uma estrutura ilusória, em que o fragmento de algo verdadeiro se associa a algo falso, formando uma estruturação semiótica potente como ferramenta política, tal como se verifica na atualidade com as *fake news*. No entanto, na estrutura fascista, elas são tidas como verdade. E aqui cabe uma consideração a respeito da verdade e do saber. A verdade, é importante lembrar, ela não é o real. O real é aquilo que está como impossível, em psicanálise, seu outro nome é o gozo, e a verdade, por seu turno diz da relação do sujeito com a aquilo que causa o seu desejo – o objeto. Nesse sentido, é que a verdade se relaciona com o campo dos fantasmas construídos como defesa contra o real. E seguindo a observação de Braunstein (2001) é que quanto “ mais algo se apresenta na experiência como verdadeiro, menos é real.” É exatamente por isso, por essa característica da verdade ancorada naquilo que se dá como sendo a natureza do discurso, como semblante, portanto, uma defesa contra o real. Nesse direcionamento, podemos verificar o que Lacan apontará que a verdade é irmã do gozo e o saber é um meio de gozo. Ou seja, a verdade aqui, pela via do discurso, como semblante, permite um encontro com migalhas de gozo. O saber do seu lado, como meio de gozo, se configura nisto que no discurso científico atual, tenta-se tudo-saber, como se fosse possível, em uma estruturação em que o real ficaria de fora. Nesse sentido, aquilo que é da verdade, pela via do discurso, que se é possível verificar o sucesso de efeito das fakes news, como se observa na discussão realizada por Alves em sua dissertação de mestrado.

Segundo esse autor, o alcance e os efeitos das *fakes news* na estrutura do laço social se configura naquilo que se dá como um efeito de verdade: “[enquanto] verdade, as Fake News são disjuntas do saber dos especialistas e a adesão a elas comporta radicalmente a dimensão do não-saber implicado em toda crença, pois, para crer, não se sabe” (Alves, 2022, p. 40-41). Pensamos que seja a aposta na disjunção, entre verdade e saber, que fundamenta parte integrante da estrutura que organiza o efeito de adesão mais consistente.

Nessa configuração, cria-se um curto-circuito no sistema representativo entre verdade e saber, desorientando os indivíduos. Considerando a elaboração de Lacan sobre a estrutura do discurso, na lição “O saber e a verdade”, no seu “Mais, ainda”, o agente não oculta a verdade, e sim o gozo, mais precisamente, por ser ele, o gozo, inconfessável. Sua apresentação, quando muito, é feita em elipse. É preciso que o gozo seja colocado fora da cena, exatamente por sua obscenidade – suposta e/ou efetiva. Essa relação entre verdade e gozo no ensino de Lacan

(1973/2007) se dá na impossibilidade de dizer toda a verdade, mas sempre como um semidizer. Fundamentalmente, o gozo se coloca e esse é o limite. Seguindo essa construção, continua Lacan (1973/2007, p. 124), “o gozo só se interpela, só se evoca, só se sáprema, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência”.

Será exatamente em cima desse semblante que se instituirá o sucesso da propaganda fascista, pela via da verdade, de um gozo inconfesso, mas não por isso freado. Com o advento das mídias digitais e do tratamento dado pelos algoritmos, o saber que poderia fazer limite ao gozo perde sua função. Como observam Lima e Nobre (2023, p. 39), “uma lógica metonímica de gozo ganha uma aplicação prática em função de seu acoplamento à informação, e isso ocorre justamente porque ela se insere no nicho do saber, que não se presta mais a fazer limite ao gozo”.

Essa estruturação, em que um saber não consegue fazer limite a um gozo, pode ser vista naquilo que se apresenta como “fascismo à brasileira”, com a incidência do significante comunista; lugar referente em que será localizado tudo aquilo que não é de “bem”. Objetivamente, não há, no Brasil, uma organização comunista com força e mobilização social que poderia constituir um governo, mas, ao dizer que ela existe e está pronta para ascender ao poder, tanto o conservadorismo quanto o fascismo obtêm seus efeitos de sucesso da propaganda em que uma verdade disjunta de um saber se encaminha para o campo da crença com eficácia. Nesse sentido, é preciso considerar que, com o advento do uso dos meios tecnológicos e comunicacionais, a partir das chamadas redes digitais ou sociais, observamos o efeito estrutural de uma mudança significativa nas relações dos sujeitos com o social, com consequência na produção do laço social, tendo aí seus ganhos e perdas. Na esteira disso, observa-se a intensificação de uma expansão do imaginário ante o simbólico, via imagem idealizada de si, apresentando-se por uma supremacia do princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade, embora a marca do além do princípio do prazer seja o que orientará certo liame. Nesse direcionamento, observa Lima (2006), há um processamento em direção à alienação marcada pela imagem que se apresenta nas interações no ciberespaço, produzindo um deslocamento que encobre a falta. Assim, prossegue a autora (2006, p. 43), o “fascínio pela imagem se dá exatamente pelo que ela encobre”; portanto, capturando o espectador “em seu gozo inefável da imagem fascinante”. Nessa captura em que o imaginário se coloca à frente, a fascinação levaria a um processo de rebaixamento da capacidade crítica dos sujeitos envolvidos com a implicação da idealização do Outro (Lima, 2006).

Isso importa, considerando os efeitos que se apresentam na atualidade, a partir de uma estrutura discursiva fascista, que se pensava ter transitado para o seu decesso após 1945, e que

se dá, hoje, potencializada pelos algoritmos das plataformas de redes sociais. O fascismo, em seu primeiro surgimento na década de 1920, foi observado em sua potência disruptiva e igualmente destrutiva. No presente, com o uso combinado de plataformas digitais diversas – como X, WhatsApp, Telegram, Instagram, entre outras –, discursos contrários à ciência, à intelectualidade, bem como de ódio racial, a imigrantes, mulheres, povos originários e LGBTQIAPN+, ganharam maior circulação, com efeitos de adesão surpreendentes. No uso das chamadas *fake news* em escala industrial, com efeitos diretos no modo como determinados agrupamentos de pessoas operam uma leitura da realidade, a partir da mobilização de sentimentos e afetos, a novidade se dá pelo seu alcance e eficiência. Com isso, em alguma medida, produz o que Lima e Nobre (2023, p. 340) apontam sobre a instituição de um *ethos* digital, em que o “laço social, hoje, pode ser pensado fundamentalmente como estando articulado aos modos de gozo, produzindo comunidades de gozo”.

De nossa parte, observamos que, favorecidos por essas comunidades de gozo estruturadas pelo discurso fascista, e que se orientam a partir do ódio, um dos efeitos é a liberação da agressividade de uma posição subjetiva como ato que transita das palavras para a ação, na irrupção de um gozo desarticulado do simbólico, desencadeado do imaginário e do real, a ser exercido sobre os corpos dos indesejados, colocando em risco vidas e a própria estrutura do que se designa laço social em uma tentativa de modificação dele. Em 29 de julho de 2024, em Southport, um jovem inglês de 17 anos, de descendência ruandesa, realizou um ataque à faca que resultou na morte de três crianças e feriu outras dez pessoas, sendo sete crianças. Embora o autor do crime seja inglês, foi destacado, dentro da plataforma X, por algumas figuras vinculadas à extrema-direita britânica e com aporte discursivo do dono do X, Elon Musk, que o crime teria sido perpetrado por um imigrante e muçulmano, ainda que isso tenha sido negado pelas autoridades britânicas. Como consequência, desencadeou-se uma série de tentativas de assassinatos de imigrantes, muçulmanos ou não, sendo esse um exemplo, entre tantos, de que a verdade factual, um saber, não mais importa.

Se, em um primeiro momento, a infiltração do fascismo na sociedade é operada com a presença de um líder, produzindo efeitos de fascinação e subserviência a partir da idealização de sua imagem, em um segundo momento, o líder pode ser facilmente substituído por uma ideia ou afeto. Estamos aqui seguindo a observação de Freud, no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, em que ele aponta que “o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva” (Freud, 1921/1996, p. 111).

Com esse direcionamento, cabe a seguinte pergunta: sendo o ódio uma forma de ligação entre sujeitos, potencializado por uma estrutura discursiva fascista que se utiliza dos meios digitais para obtenção e controle da atenção e dos afetos de parcela expressiva de sociedades nacionais, estaríamos entrando em uma estrutura social, em que haveria um império do gozo modificando o laço social para aquilo que não faz laço em favorecimento da produção de um gozo perverso?

Nesse sentido, é possível dizer que é na instauração de uma estrutura discursiva que serve para a orientação da atenção, sentimentos e afetos, que o fascismo reorganiza um modo de engendrar uma leitura da realidade. Por base, isso não é novo, considerando que o próprio capitalismo organiza algo semelhante, como se houvesse uma homeostase entre o acúmulo de riqueza e o seu contrário – como algo natural. Althusser (1970) no texto *Os aparelhos ideológicos de Estado*, sinaliza que, para a obtenção do equilíbrio na estrutura capitalista, a escola, a Igreja e o Exército cumprem, cada um, ao seu tempo e termo, o ensino das habilidades, que sustentará a sujeição à ideologia dominante. Os agentes da exploração e repressão, então, estão tomados pela ideologia e cumprem, cientes, suas tarefas. Explorados, exploradores, auxiliares da exploração e seus funcionários, proletários, capitalista e sacerdotes, respectivamente, cada um executa uma função predeterminada, que faz com que um circuito destrutivo se mantenha, sendo os primeiros (explorados) detentores do papel de base dessa estrutura. O que o autor está dizendo é que a dominação de uma ideologia, bem organizada e operante, é lida e concebida como algo natural. Uma breve observação dos modelos políticos mais destacados no Ocidente, como o Conservadorismo, o Liberalismo, o Socialismo e suas vertentes, a da direita, a do centro, a da socialdemocracia e a da esquerda, em algum momento, os de maior tensionamento sociopolítico e econômico mostram suas fragilidades, ganhando maior destaque. Nesse sentido, uma estrutura ideológica a exemplo do fascismo aparece como uma panaceia, indicando onde os outros modelos falharam.

Pensamos que isso importa, pois será dali que irão se organizar os efeitos de como um discurso, pela via da palavra, produz seus efeitos naquilo que conduz a uma leitura da realidade. Posto isso, é possível travar uma luta contra a ideologia, quando se apresenta como nãoideológico, no presente momento em que se pratica uma ideologia fascista. Segundo Žižek (1992), o cinismo é uma resposta da cultura atual, pois uma parcela da sociedade compreende bem o que está acontecendo, isto é, reconhece “o interesse particular por trás da máscara ideológica, mas mesmo assim conservamos a máscara” (Žižek, 1992, p. 60). Ou seja, partilha do mal-estar social naquilo que ele carrega de subversão – de sua perversão. Ora, como aponta Alain Badiou, no livro *Em busca do real perdido*, ao dizer que, na contemporaneidade, o que

faz o papel de semblante do real capitalista é a democracia, essa é sua máscara (Badiou, 2017, p. 25). Portanto, enquanto for possível manter a pilhagem, pouco importa se a ideologia sustentada por determinado líder político é fascista.

A história marca esse ponto: capitalistas, liberais e conservadores, em maior ou em menor medida, dão suporte à ascensão fascista ao poder. Um aspecto importante da tomada de poder fascista é que ela, em geral, não se faça por meio de um golpe de Estado, mas pela via “democrática”. Uma vez no poder, os fascistas irão se utilizar do que Althusser (1970) nomeia Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), com os quais ele localiza as formações sociais capitalistas, sendo estas a escola, os sindicatos, as comunicações, a família e o contexto cultural. Além disso, há os Aparelhos Repressivos do Estado (ARE), constituídos, basicamente, pelas forças de segurança. Nesse sentido, tanto o AIE quanto o ARE antecedem a chegada do fascismo. Os fascistas já os encontram prontos para instrumentalizá-los e o fazem com relativa precisão. Esses aparelhos asseguram a produção e a reprodução do discurso dominante, principalmente o AIE, nas chamadas formações sociais capitalistas, referidas anteriormente, com destaque para a escola. Observa Althusser (1970, p. 118):

Na verdade, é esta última que garante, em grande parte, a reprodução das relações de produção, por trás de um “escudo” fornecido pelo Aparelho (Repressivo) de Estado. É aí que o papel da ideologia dominante concentra-se maciçamente – a ideologia da classe dominante, que detém o poder estatal. É a intermediação da ideologia dominante que assegura uma “harmonia” (às vezes tensa) entre o aparelho (Repressivo) de Estado e os Aparelhos Ideológicos de Estado, e também entre os diferentes Aparelhos Ideológicos de Estado.

Portanto, é pela via da instrumentalização desses aparelhos que se obtinha uma conformação de parcela expressiva da sociedade de noções de riqueza e pobreza, no que poderia ser lido como uma organização social de classes, com a possibilidade de ver, pela fresta, ao menos um experimentar de uma mobilidade socioeconômica. E se tem um engodo que funciona é esse, pois, para uma estrutura como o capitalismo, não interessa a diminuição da pobreza, mas sim um gerenciamento dela, bem como das expectativas. De acordo com Badiou, da perspectiva do capitalista, a desigualdade é algo aceitável, constitutivo, e a igualdade, por sua vez, tida como utópica, levaria ao crime, sendo “humanamente impossível” (Badiou, 2017, p. 36). Portanto, o comunismo, sendo sua antítese, uma vez que afirma a existência da possibilidade de acabar com a desigualdade com a eliminação da propriedade privada, seria, portanto: “o nome do único processo existente de exposição efetiva do real do capitalismo” (Badiou, 2017, p. 36).

É desconcertante, quando se observa com relativa atenção, que, tanto nas estruturas capitalistas quanto nas fascistas, escolas são usadas para a obtenção da dominação ideológica. Segundo Althusser (1970), é na escola que se opera, como integrante das formações sociais capitalistas, conforme expressado anteriormente, o grande embate de dominação. Ela virá a ocupar o lugar de AIE de maior destaque em detrimento da Igreja, que ocupava essa posição no período que antecedeu o surgimento do capitalismo. No Brasil, observamos isso naquilo que se organizou em decorrência de um ataque sistemático, praticado pelo governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), ao que Stanley (2020) chama de anti-intelectualismo. Para esse autor, uma das faces da política fascista está na desqualificação da ciência educacional, produzindo, em função disso, a interdição do debate, a desvalorização do sistema educacional para se instituírem, em seu lugar, o poder e a identidade – que poderíamos dizer que seriam encarnados no líder.

Observa-se que, quanto ao ex-presidente, à época, o fato de negar os crimes e os atos da ditadura e atacar as instituições universitárias não se tratava de ignorância/desconhecimento da parte dele, mas sim de política de Estado, que objetivava implantar, interditando o debate e criando dúvidas sobre a ciência e a História. Uma vez que a dúvida esteja disseminada, centralizam-se sobre a figura do líder o poder e a identidade. Assim, a verdade emana dele. Por ora, cabe-nos recordar que o Ministério da Educação, no governo Bolsonaro, agiu para implantar o anti-intelectualismo por diversas vias, a saber, a do sufocamento financeiro, do não reconhecimento das práticas democráticas de escolha de reitores de universidades e institutos federais, colocando interventores, e a da desqualificação das práticas educacionais vigentes. Portanto, ao atacar o sistema educacional do país, Bolsonaro objetivava criar um curto-circuito na estrutura representativa da verdade e do saber. Desse modo, conforme aponta Stanley (2020, p. 66), buscava distorcer ideias, produzir medo e raiva na sociedade e a consequente desestabilização, formando “um poço de desconfiança e raiva contra aqueles que, segundo foi dito, são responsáveis por essa perda”.

Dessa maneira, a intenção de Bolsonaro foi criar o descrédito nas instituições do Estado, por meio de ataques ao Supremo Tribunal Federal, ao Tribunal Superior Eleitoral e ao Congresso Nacional, bem como às universidades, aos partidos políticos, aos jornalistas e aos cientistas, estruturando condições ideais para que somente o líder (o presidente) tivesse acesso ao saber e à verdade. Nesse sentido, pôde se apresentar como o portador da chave do enigma (do gozo). O que está operando nesse processo é o que Miller (2012) chama a atenção para os efeitos que tem a operação que Lacan realiza ao afirmar que a verdade é irmã do gozo. Isso se configura ao se considerar que ela (a verdade) “sem dúvida [...] é inseparável dos

efeitos de linguagem e que está especialmente ligada ao gozo barrado, ao gozo interdito, quer dizer que a verdade ocupa o lugar do que ali é anulado, mortificado” (Miller, 2012, p. 33).

Assim, é pela elipse do gozo que se busca atingir, que se produz a intensificação do mal-estar na sociedade, pelas vias que observamos anteriormente, que o ex-presidente atuava, produzindo no social uma ruptura, como aponta Albright (2018), ao argumentar que se reis tentam acalmar seu povo, o “fascista o instiga a ter suas tropas de infantaria dispostas a atacar primeiro e com poder de fogo assim que a luta começa” (Albright, 2018, p. 19-20). E é manobrando a raiva, a agressividade e o medo, constitutivos nas e das relações sociais, que vai se consolidando o poder do líder fascista. É nesse interstício que a política armamentista, com a promessa ilusória de proteger o Estado de uma ditadura comunista, encontra amparo.

Destarte, é importante observar que estão aqui todos os AIE (Aparelhos Ideológicos de Estado) que Althusser destaca em seu texto. A diferença do fascista para o capitalista está, basicamente, na máscara que o segundo sustenta e pela qual o primeiro tem desprezo: a democracia! Uma vez no poder, o fascismo opera um ataque ao modo de engendramos a realidade, fazendo os indivíduos, oportunamente, curvarem-se ao seu discurso.

Nessa perspectiva, a questão que se levanta é: como um discurso autoritário, excludente, produz tamanha sedução a uma posição instrumental, em alguns sujeitos, considerando ser este um aspecto importante do fascismo? Calligaris, em seu texto *A sedução totalitária* (1991), discute que haveria, no neurótico, uma tendência a essa posição instrumental, no intuito de organizar, a partir dela, um fantasma partilhado. De outro modo, refletindo sobre esses efeitos na estrutura dos AIE, consideremos as observações feitas por Jurandir Freire Costa, em 1991, a respeito da burocracia psiquiátrica e seus problemas, quando afirma que há um elemento aproximativo dessa sedução, que pode auxiliar na compreensão. Embora faça ressalvas a que nem todo burocrata brasileiro, à época, seria ou teria postura nazifascista, o que não seria uma garantia, enfatiza “nada garante, e isto é o pior, que posto em situação de dissolução social e superfluidade não possa vir a sê-lo” (Costa, 1991, p. 48). Ou seja, ao ocorrer algo na estrutura do laço social que se desorganiza, a burocracia estatal mudaria de uma ideologia para outra sem grandes dificuldades.

A precisão da análise e seu desconforto se faz sentir. *Homo homini lupus* é algo que não deve ser esquecido, pois o lobo seduz, inclusive, a ovelha. Como aponta Lacan (2005), em *O Seminário, livro 10: A Angústia*, o masoquista mascara sua vontade de gozo na fantasia de ser ele um objeto “de um gozo do Outro”, pois ele não vai ao encontro desse parceiro de maneira forçada – e o que efetivamente encontra é a angústia (Lacan, 2005, p. 181). Prossegue

Lacan (2005, p. 182) a respeito do gozo: “por isso é que digo que a meta do gozo do Outro é uma meta fantasística. O que é buscado, no Outro, é a resposta, a queda essencial do sujeito em sua miséria suprema, e essa resposta é a angústia”.

Com base nessas observações, não queremos apontar que aqueles que se colocam nessas condições sejam pessoas perversas masoquistas, mas sim, muito antes, afirmar que algo de um masoquismo é convocado na estrutura estabelecida pelo fascismo e que uma parte de seus apoiadores irão responder desse lugar. Portanto, pensamos ser importante destacar que tanto o masoquismo quanto o fetichismo não são desconhecidos na estrutura psíquica, como nos chama a atenção Freud (1905) a respeito do polimorfismo da sexualidade. Como veremos mais adiante, neste trabalho, o masoquismo é uma resposta organizada no psiquismo, para dar conta dos efeitos do ataque pulsional, via pulsão de morte, que subdivide em um fragmento como sadismo e a parte da emoção que não será colocada para fora será reativada, posteriormente como masoquismo erógeno, em uma solução de compromisso. Assim, é possível que essa resposta que alguns apoiadores do fascismo apresentam venha pela via de uma submissão voluntária. Portanto, seguindo essa hipótese, isso decorreria em favor de um gozo do Outro, aqui mascarado na figura do líder. Distintamente, como nos convida a pensar Miller, em seu texto *Clínica irônica*, ao afirmar que o masoquista, o verdadeiro, utiliza-se do Outro, demonstrando que este não é mais do que um fantoche de sua vontade, de seu próprio gozo. Nesse direcionamento, tentamos, aqui, marcar a distinção daquilo que se apresenta como traço de um masoquismo propriamente.

De outro lado, aqueles que participam da burocracia, dos aparelhos AIE e ARE, e de atos de extrema violência simbólica e real, valendo-nos da análise de Althusser e adotando uma posição aproximada do que Lacan destaca, em 1963, em *Kant com Sade*, cabe-nos pensar que isso “advém do executor na experiência sádica, quando sua presença se resume, em última instância, a não ser mais do que seu instrumento” (Lacan, 1998, p. 784).

Tal fator nos faz lembrar da história nacional recente, da célebre frase do ministro da Saúde Eduardo Pazuello, em 22 de outubro de 2020, diante do fato de ter-se recusado à compra de vacinas contra a Covid-19, porque, afinal, elas teriam vindo da China Comunista. Quanto a esse procedimento, o então ministro disse: “É simples assim, um manda e o outro obedece”. À época, o país contava com 156.000 mortos pelo vírus. Ao final, em números oficiais, esse patamar atravessou a casa dos 700.000 mortos. Penso que seja possível localizar aqui, nessas situações, a marca indelével de um gozo que se coloca à frente da ética, da vida. De um gozo imperativo, inescapável e, portanto, indiferente à existência do outro.

## 2.2 Um império do gozo?

Nessa estruturação em que o gozo se coloca à frente, sem mediação, estaria a organização de um império do gozo – via imperativo? Assim, restaria aos sujeitos gozar a qualquer custo até o limite de sua própria destruição? Lacan, no seminário *Mais*, ainda, em sua primeira lição, “Do Gozo”, discute a questão do direito e o usufruto, apontando que, na essência do direito, estaria a ideia de “repartir, distribuir, retribuir o que diz respeito ao gozo” (Lacan, 1973, p. 11), mas que esse gozo se reduz em sua negatividade, pois “não serve para nada” (Lacan, 1973, p. 11). Além disso, aponta que o que se organiza nessa estrutura é que o direito não define o dever e isso importa, pois nada “força ninguém a gozar, senão o superego. O superego é o imperativo do gozo – Goza!” (Lacan, 1973, p. 11).

Esse aspecto é importante para que se possa compreender os efeitos do que estamos interrogando com a noção de império do gozo, pois, distintamente do superego freudiano, que ancorado no sentimento de culpa forçava o recalque no psiquismo, fazendo o neurótico recuar diante do gozo, o superego lacaniano aponta para esse encontro quase irrecusável de se gozar de tudo e a qualquer custo. Como observa Bucci (2021), os efeitos do imaginário em uma sociedade marcada pela superindústria do imaginário subsumi a função de ordenação do simbólico, operando uma mudança no modo de lidar com o gozo. Aponta o autor que, se na modernidade – período do mal-estar delineado por Freud –, o neurótico estaria comprometido com os efeitos do recalque, na supermodernidade, ele é:

promovido [...] a um sujeito perverso, devotado a seus fetiches em torno dos quais ele, sujeito, gira em falso. Onde o sujeito neurótico se reprime para não sair do lugar, o sujeito perverso goza por não sair do lugar. Na modernidade neurótica, o Simbólico interditava: “Não goza!”. Na supermodernidade perversa, o ordenamento vem do Simbólico para autorizar o gozo reiterado – e, no entanto, imobilizante (Bucci, 2021, p. 298).

Esse giro, observado por Bucci (2021), é importante, uma vez que vai ao encontro da pergunta que fizemos anteriormente sobre o que acontece para que o neurótico seja mobilizado a realizar atos, por vezes de extrema violência, inclusive contra amigos e/ou familiares, e, aparentemente, não sente culpa nem angústia. Como tentamos demonstrar, está no efeito da erotização do ódio que o discurso fascista operacionaliza; mais ainda, é da oferta de um gozo que se trata. A questão mais destacada, nesse processo, é que o fascismo não inventa nada: ele se apropria de elementos difusos e os reúne. Na sua apresentação atual, o fascismo prolifera na estrutura do discurso capitalista, naquilo que se organizou de certo modo de desestruturação do laço social, favorecido pelo declínio da função paterna, com efeitos diretos naquilo que se dá

de um gozo que não é mais impossível ou sequer mediatizado pela fantasia. A esse respeito, Teixeira (2007) observa que um dos efeitos da tecnologia capitalista, do discurso do capitalismo, é a produção do desencadeamento significativo de uma eclosão generalizada da violência que:

[...] no campo social, aponta os efeitos devastadores do discurso do capitalismo. Hoje, o gozo não é mais impossível, pois a via da fantasia não garante mais que o gozo se limite à transgressão da lei. O gozo emerge sob a pura forma de um real sem lei, e não contra a lei, na contemporaneidade. Ele não se opõe a essa ou aquela restrição legal. Ele se apresenta desencadeado pelas vias do simbólico, desarticulado do imaginário e do real, como puro sem sentido (Teixeira, 2007, p. 75).

Nesse direcionamento, é preciso destacar que, em nossa pesquisa, operacionalizamos a noção de gozo com base naquilo que se organiza no campo do discurso. Miller (2012), no texto *Os seis paradigmas do gozo*, destaca que Lacan, nos Seminários 16 e 17, aponta que o discurso se dá na estruturação unificada da alienação e da separação. Segundo o autor, isso se configura a partir da frase no Seminário 17 em que Lacan (1969-1970/1992) profere que “há uma relação primitiva do saber com o gozo”(23) e essa deveria ser entendida como “uma relação primitiva dos significantes com o gozo”(24). Nesse sentido, a ideia que está em elipse, na construção de Lacan de que “o significante representa um sujeito para um outro significante”, poderia ser retraduzida, a partir da teoria dos discursos, como o “significante representa um gozo para um outro significante” (Miller, 2012, p. 24). Portanto, ao “representar o gozo, o significante o faz faltar, assim como o significante que representa o sujeito o faz faltar também, uma vez que o sujeito permanece ao lado, como conjunto vazio”. (Miller, 2012, p. 24).

Destarte, é preciso se ater que, para Lacan, os laços sociais se constituem laços discursivos e se organizam na relação com a própria linguagem, por uma via distributiva, em que se operam maneiras distintas de gozo. E aqui podemos, novamente, apontar uma distinção que se configurará, inclusive, na apresentação do supereu. Se no seminário 17, o gozo se organiza pela via distributiva pela linguagem, portanto, se apresentando como um aparelho de gozo, no período relativo aos Escritos e do seminário 7, veremos que ele se apresenta pela interdição – a palavra interdita o gozo. Nesse sentido, apontamos aqui os dois momentos no interesse de demonstrar a mudança que esse conceito irá sofrer, bem como com a proximidade que se dá na discussão acerca do supereu em Lacan. No período delineado pelos Escritos, bem como o seminário 7, veremos que tanto o gozo como o supereu lacaniano se aproxima muito do supereu freudiano de recuo perante o gozo. Já no seminário 17, tanto o gozo, agora não está localizado no interdito, pela via da palavra, e sim, a linguagem se apresentará como um aparelho

de gozo e o supereu nesse momento se apresentará desvelando uma face da pulsão de morte na imposição do gozo sobretudo de maneira amoral. Portanto, a discussão que se segue, busca organizar os momentos distintos e justificar porque estamos optando pela leitura do gozo pela via da linguagem como aparelho de gozo em detrimento do gozo interdito por considerar que isso é melhor localizado no modo de funcionamento atual. Sendo assim, seguindo nossa discussão, no texto *Subversão do sujeito*, Lacan (1963/1998) observa que o gozo estaria vedado a quem fala, apresentando-se, quando muito, nas entrelinhas por quem quer que seja sujeito da Lei, já que se funda justamente nessa proibição e aponta o aspecto risível de uma Lei que impõe a determinação de que se deve gozar, pois não é a Lei que impede que o sujeito goze, ela retorna, como barreira, sobre “um sujeito barrado”. Ainda nessa linha, em *Kant com Sade*, discutindo a pertinência da invocação sadiana do direito ao gozo e sua problemática sobre a própria ética, observa Lacan (1963/1998, p. 798):

O direito ao gozo, se fosse reconhecido, relegaria a uma era desde então caduca à dominação do princípio do prazer. Ao enunciá-lo, Sade faz com que se insinue para todos, por uma fresta imperceptível, o antigo eixo da ética: que não é outro senão o egoísmo da felicidade.

Parece haver, aqui, uma proximidade da invocação de Sade a respeito do direito ao gozo, com o que reclama, para si, o discurso fascista na noção do direito a predominar sobre os povos inferiores, e será, a partir do discurso de ódio, que se dará a irrupção da vontade de gozo aplicada ao social. Como buscamos apresentar, a instituição de um objeto fetichista como imanente da impossibilidade da realização do projeto, para direcionar o tensionamento ante as contradições do fascismo, é parte importante da estrutura fascista. Se, no passado, os fascistas e os nazistas empregavam a palavra como um bastão de comando, como um meio para excitar as massas; na atualidade, isso se dá, primordialmente, de maneira mais abrangente e eficiente, com a utilização das redes digitais. Peixoto Junior (1999) aponta que, no caso de um perverso, o uso da palavra ganha seu estatuto de demonstração do falo como meio de instrumento de poder e disso “pode-se deduzir a necessidade que o perverso tem de exibir periodicamente o falo através da palavra – as multidões nas quais suscita a adoração – enquanto instrumento de poder” (Peixoto Jr., 1999, p. 271).

Nesse sentido, indagamos: a presença massiva nas mídias sociais de líderes do neofascismo não determina essa tentativa continuada de demonstração fálica? Observamos que o logro desse ato é denunciado pela sua própria existência. Peixoto Junior (1999) nos aponta que o ato de demonstração fálica é uma armadilha, pois interessa ao perverso possuir o outro, uma vez que é ele (o outro) o verdadeiro falo, como imagina o perverso. Nesse processo, ele

consegue fazer com que o outro acredite ser o falo de tal modo que reverbera esse imaginário, mas o que o outro é, efetivamente, para o perverso é um objeto e disso espera que ele dê algo de si, que invista, sendo na posição de rebaixamento em que o perverso opera que se dá o sucesso das propagandas (Czermak, 1991, p. 54-55 citado por Peixoto Jr., 1999, p. 272).

Em que pesem os efeitos de distinção entre a estrutura perversa e os traços de perversão, ou de uma perversão generalizada, é importante destacar que algo no modo referenciado por Czermak (1991) no que se estrutura, na atualidade, com o uso das redes digitais, permite o sucesso da proliferação de um discurso de ódio. Os efeitos disruptivos de um discurso de ódio operado com precisão pelo fascismo, com impacto no circuito representativo da verdade e do saber, produzindo esse rebaixamento ou supressão do saber, direcionando a relação das pessoas que acessam essa leitura da realidade para o campo da crença, estão presentes. O uso das mídias digitais, com destaque para o X (antigo Twitter), tendo o manejo expressivo de *fake news*, mais precisamente com a desinformação, potencializa a reforma da relação entre o saber e a verdade. Uma vez que o saber não consegue operar como meio de limite ao gozo que invoca o fascismo, a partir do discurso de ódio, o que resta é um puro gozo desencadeado do simbólico, desarticulado do real e do imaginário, portanto sem sentido, sem tratamento simbólico. A experiência vivida na Inglaterra, em Southport, após o ataque realizado em 29 de julho de 2024, não se alinha nesse mesmo direcionamento? Não seria um vislumbre da experiência alinhada ao imperativo de um gozo, invocado em um real sem Lei?

### **3 FASCISMO E O DIREITO AO GOZO: O ÓDIO COMO FORMA DE LIGAÇÃO**

Atenhamo-nos, por conseguinte, a dizer que uma prática como a psicanálise, que reconhece no desejo a verdade do sujeito, não pode desconhecer o que virá depois, sem demonstrar aquilo que recalca (Lacan, 1963, p. 798).

#### **3.1 Fantasia, agressividade e formação do ideal do eu/supereu na estrutura do fascismo. Elementos sobre a fantasia neurótica e o sadismo**

O ponto que organiza o problema de nosso trabalho está em como o ódio, para alguns sujeitos, poderia ser compreendido como uma forma possível de ligação. Observamos que tanto Freud quanto Lacan desenvolvem, a partir de uma perspectiva sobre o inconsciente, a tese de que o Eu é o outro e isso se configura em uma relação que se dá, estruturalmente, pela via da ambivalência. E é a agressividade, componente que acompanhará o Eu desde a sua formação, que se apresentará, como diz Lacan em seu escrito sobre o estádio do espelho, “em qualquer relação com o outro, nem que seja a da mais samaritana ajuda” (Lacan, 1949, p. 102).

Destarte, é importante destacar que fazemos, em nosso texto, uma distinção entre a agressividade, polo passivo comum ao neurótico, e a agressão, como ato ativo. Estamos, aqui, em conformidade com Lacan (1953-1954/1986), entendendo que a agressão não tem vinculação com a realidade basal da vida; contudo, ela tende a se apresentar, no plano da captação imaginária, como uma estrutura de um ato existencial – pela via da defesa do ser.

Cabe aqui uma observação no que se configura como distinção do ódio e da agressividade. Destacadamente o ódio se dá como um afeto real, o que faz Lacan, no seminário 1, dizer que o ódio é instituído na junção entre o real e o imaginário. Já Freud (1915) em “A pulsão e seus destinos” na discussão sobre o amor e o ódio, observa que do ponto de vista da pulsão, no limite é possível dizer que ela “ama” o objeto que localiza para atingir os fins de satisfação. Contudo, seria difícil localizar que uma pulsão “odeia” o seu objeto e que essa relação de ódio se daria nas relações do ego total com os objetos. Nesse sentido, seguindo a observação de Freud (1915), o amor e o ódio não fazem oposição entre si, mas a indiferença e isso se configura assim, tendo em vista a relação do ego com os objetos na estrutura do narcisismo originário. A esse respeito Simanke (2019) observa que esse ego, estritamente narcísico, tem uma correspondência com o que Freud (1911) chamará de ego-prazer e:

Nesse momento, tudo que é prazeroso – e, portanto, amado ou amável – é vivido como parte do ego. Inversamente, tudo que é doloroso ou desprazeroso é vivido como externo ao ego, integrando o mundo dos objetos, que são por isso hostilizados ou odiados. Desse modo, a relação amor-ódio se identifica originariamente como a

relação sujeito-objeto: o ego narcísico não pode amar o objeto, somente odiá-lo e amar a si mesmo. De fato, Freud insiste em que apenas após a latência, com o encerramento do período infantil da sexualidade, o amor objetal poderá finalmente surgir. (2019, p. 130)

Portanto, a observação de Lacan no Estádio do espelho sobre a relação do Eu com o outro se dando baseada no componente da agressividade, se alinha ao que Freud (1915) discute nesses dois textos: “A pulsão e seus destinos” e “Formulações sobre os dois princípios dos acontecimentos psíquicos”, apresentado aqui na citação de Simanke. E mais, essa configuração repetirá e ganhará atualizações a cada novo encontro do Eu com os seus objetos e tendo isso é possível localizar o que Freud (1930) irá discutir em “O mal-estar na civilização”, que esse elemento será um dos componentes que coloca a constituição ou existência da sociedade no limite do possível. Assim, observe que isso se alinha ao que dirá Freud (1915) que o ódio é mais antigo do que o amor na constituição psíquica.

Considerando isso, interrogamos, no que tange a certa metapsicologia do fascismo, a posição do neurótico diante de uma montagem perversa. Assim, entendemos que o neurótico – por vezes quando diante de atos sádicos reais, em toda brutalidade que a expressão de uma violência possa atingir – é atravessado por um horror, que o leva a recusar, como não humano, o agente e, portanto, a entrever a produção imaginária de uma distância entre o perverso e ele próprio. Nesse sentido, somos instigados a interrogar: em que medida haveria ali um encontro com uma representação real de suas próprias fantasias, tantas vezes visitadas, da expressão de sua agressividade nunca atuada, mas candentemente desejada? A angústia, que o transpassa, seria proveniente desse encontro com um real insuportável, que, por outro lado, na fantasia fora tolerado?

De início, para nossa reflexão, partimos do matema lacaniano da fantasia  $\$ \diamond ^a$ . Leia-se S barrado, punção desejo de, objeto a, isto é, o lugar do sujeito barrado é aquele em que se encontra dividido e se dirige ao outro, que é representado pela figura do objeto a; causa do desejo. Contudo, trata-se, como diria Lacan, de um “encontro faltoso”, pois o que a fantasia oculta, por excelência, é o abismo do desejo do Outro. Afinal, o desejo não é o desejo do Outro? Nesse sentido, como demonstra Žižek a respeito da fantasia, ela é um cenário constituído pelo imaginário, que produz uma representação de uma realização do desejo. Desse modo, como se vê, a fantasia é, por excelência, enganosa, pois o desejo, efetivamente, não é satisfeito, mas “graças às fantasias, aprendemos como desejar” (Žižek, 1990, p. 116). O plano em que se situa é o da captação imaginária e de suas implicações e, como observa Freud, é pela via da libido que se organiza a estrutura da fantasia. É nesse laço, com a dimensão sexual, com a satisfação,

que se busca obtê-la, ainda que articulada ao sintoma, a fantasia comporte, uma vez desvelada, certo custo de desprazer ao eu. Em 1912, Freud, em um texto sobre a transferência, recorda-nos que, no curso do tratamento analítico, o paciente chega com suas estereotípias (formas de ligação libidinal), que despertariam e fariam emergir à consciência um conjunto de emoções. A reedição de fantasias, na transferência, culmina com a intenção de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. No texto *O inconsciente*, Freud descreve as fantasias vinculadas a uma estrutura muito organizada cujo interior, tal como no inconsciente, não contém contradição. Define que pelo “seu alto grau de organização essas fantasias permanecem recalçadas, o que as impede de tornarem-se conscientes” (Freud, 1915, p. 219).

É aqui que se desdobra a dificuldade dos pacientes ao falarem de suas fantasias, pois há uma divisão, que se presentifica no instante de sua formação, a saber, a que concerne a si. No entanto, ele a vê como estrangeira. É o que apontamos, anteriormente, sobre a necessidade, por vezes, de o neurótico impor uma distância entre ele e esse outro sádico, que opera no exercício da violência – ainda que, na fantasia, é ele a exercer o ato. Para além do ganho que a fantasia produz, o de encenar sem efetivamente realizar um desejo, há, ainda, segundo Zizek, a produção de um lugar paradoxal, pois, ao mesmo tempo que a fantasia coordena o desejo, indagamos: seria ela uma resposta/defesa contra o *Che vuoi?* (O que queres?). É contra isso que, afinal, defende-se, não?! Está aí a operação da queda do objeto a, para sinalizar a falta no Outro, como demonstra Lacan, no Seminário 5. O que quer esse Outro na captação imaginária? Diríamos: que o sujeito, como objeto a, coloque-se a completá-lo. É esse o equívoco, que atravessa o imaginário, via neurose, ao identificar a falta no Outro como demanda. Dito de outro modo, o sujeito neurótico paga com sua perda de gozo, por não ser esse objeto privilegiado da demanda do Outro. Em *A lógica do fantasma* (1966-67), Lacan desenvolve a fórmula da fantasia e, ao explicar a punção, demonstra que “a punção sendo dividida pela barra vertical ( $<|>$ ), é o sujeito barrado nessa relação de si e somente se com pequeno a” (Lacan, 1966, p. 14). Portanto, é pela fantasia que podemos ter acesso, se nos é possível dizer assim, aos modos de resposta do sujeito à demanda e à realidade, tal como nos sugere Lacan (1958), em que a significação, proveniente do Outro, só se configura assim, enquanto é entendido que dele dependeria que a demanda seja atendida. No entanto, a fantasia só se institui “por se encontrar na via de retorno de um circuito mais amplo, aquele que, levando a demanda aos limites do ser, faz com que o sujeito se interroge sobre a falta que aparece a si mesmo como desejo” (Lacan, 1958, p. 644).

O que a fantasia produz é uma satisfação de bordear o desejo. Na fantasia, é possível fazer esse bordeamento com um faz de conta em que todos são satisfatoriamente enganados. Aí estariam também incluídos os elementos perversos, que habitam as fantasias neuróticas;

elementos por meio dos quais o sujeito opera para dar conta de sua agressividade, de seu ódio, dificilmente suportado no campo da realidade. Isso se verifica na configuração que o prazer se apresenta, como nos diz Lacan, em *Kant com Sade* (1963), como um “cúmplice precário”, isto é, o prazer estaria ausente no momento do gozo se a fantasia não viesse em seu socorro. Portanto, é por meio da fantasia que o prazer se coloca como aceitável ao desejo. Quando se considera a estrutura de uma fantasia sádica, devemos levar a cabo a inversão das posições colocadas no matema supracitado, tal como indicado nesse texto de Lacan. Se o neurótico, como sujeito dividido (S), dirige-se ao objeto, causa de seu desejo representado pelo objeto a, o sádico, por sua vez, coloca-se na posição do objeto a – invertendo as posições. Ao se localizar, então, nessa posição, o sádico se define pela condição de agente-executor e objeto causa de angústia (a), produzindo em sua vítima a divisão (S). Ao cabo dessa operação, será, dali, extraída a sua satisfação e seu gozo. Cabe-nos observar que, ao sádico, em sua fantasia, não interessa que a vítima feneça; entretanto, pelo tempo que lhe for possível, ela deva suportar as agruras operadas, de onde advém a angústia que sua divisão fornece ao gozo perverso. Nesse sentido, é preciso recordar o que nos diz Lacan no *Seminário 10: A angústia*. É dito que ela não se instaura sem objeto. É nesse circuito que entra a fantasia sádica, a que se coloca como objeto causa da angústia; logo, o mais-de-gozar. É de lá, da vontade de gozo, que se realiza sua fantasia, qual seja, ele, o perverso, imagina ser o Outro, diria Lacan, em subversão do sujeito e a dialética do desejo: “para garantir seu gozo, e que é isso que o neurótico revela, ao se imaginar perverso: ele, para se assegurar do Outro” (Lacan, 1960, p. 839).

Como nos aponta Lacan, em *Kant com Sade* (1963), a fantasia se conecta ao desejo pela via do prazer que ela produz, isto é, na satisfação que se realiza. Em que pesem seus efeitos na fisiologia, a dor possui um ciclo mais longo do que o prazer. Nessa arquitetura, seja para além da monotonia que ela possa apresentar, o que se vê é uma base rígida, em que o gozo e o clímax se fundem no momento que antecede a divisão e/ou a morte do objeto em suas possibilidades simbólicas – ou mesmo físicas. E é nesse ponto, como nos diz Lacan (1963), que a fantasia se fixa e se localiza com o desejo que aparece em seu agente. Ao neurótico resta, quando muito, sonhar, fantasiar e escorregar nos lapsos, para expressar a sua própria agressividade tão duramente recalçada.

### **3.2 A agressividade: um destino possível**

No que tange à agressividade, não se depreende, desta reflexão, que o neurótico não a vivencie ou a expresse. Portanto, objetivamos, ao trazer a discussão da culpa, para apontar que por vezes, ela exerce o papel de um dos destinos possíveis para a agressividade, como

tentaremos apresentar a frente. Assim, a agressividade, para o neurótico, por vezes reprimida, encontraria uma ligação com a culpa, ainda que a um alto custo representada no sofrimento proveniente da neurose. A esse respeito, Freud, no artigo intitulado *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916), apresenta-nos casos de sujeitos que se tornavam criminosos em consequência do sentimento de culpa. Segundo ele, alguns desses sujeitos eram levados a realizar um ato infracional, cometendo um crime, e, ao receberem a punição estatal, obtinham um alívio, que estaria em descompasso com a realidade de alguém em privação de liberdade. Logo, nesse caso, a culpa é secundária a um ato realizado ou desejado; ou seja, ela, em um primeiro momento, estabiliza o sujeito por dar-lhe um lugar: o de um culpado. O problema, como demonstra Freud (1916), é que alguns sujeitos operam diversos meios para construir o caminho de serem punidos. E é aí que entra o aspecto mortífero do sentimento de culpa, bem como fica demonstrado o esforço realizado pelo neurótico para recalcar sua agressividade, que poderia ser expressa na pulsão sádica. Cabe-nos considerar que, ao referirmos aqui sobre a pulsão sádica como via possível de satisfação, não pretendemos localizar nela uma estrutura clínica no sentido de configurar uma resposta perversa do neurótico ante o outro.

Como observa Lacan (1964/2008) na lição sobre a pulsão parcial e seu circuito, a pulsão não é a perversão; portanto, ela define, e veremos isso à frente, um modo, entre outros, de gozar. E é quanto a isso que buscamos chamar atenção. Nesse sentido, em *A pulsão e seus destinos*, vemos Freud (1915) lidando com esse aspecto da agressividade, que se debruça sobre o eu do indivíduo, quando este apresenta sua concepção acerca do par de opostos, sadismo e masoquismo, em que (A) o sadismo é o exercício da violência ou poder sobre outra(pessoa) e em (B), segunda configuração. Isso se dá pelo abandono do objeto com a substituição pelo próprio eu do sujeito, sendo que esse retorno em direção ao eu resulta em uma mudança de finalidade ativa para passiva. Por fim, em (C) uma nova pessoa é procurada como objeto e ela, “em consequência da alteração que ocorreu na finalidade, tem de assumir o papel do sujeito” (Freud, 1915, p. 133). Aqui, interessa-nos a observação geral do que ocorre na fase (b). Na fase (a), a pulsão sádica está adequadamente direcionada à sua vítima. Na (b), o que se faz é uma operação importante: a de abandono do objeto externo (o Outro), o que favorece uma mudança da finalidade de ativa para passiva e, nesse processo, produz-se um retorno da agressividade sobre o eu do sujeito. Na fase (c), parte da leitura de Freud (1916) se volta para o sentimento de culpa, pois, ali, o sujeito sai em busca de alguém que o puna e encontra, por exemplo, o Estado na condição de agenciador de tal punição. Estamos diante do masoquismo moral, discutido de maneira mais precisa em 1924 no texto *O problema econômico do masoquismo*.

Nele, Freud (1924) argumenta que o sadismo é uma resposta da libido contra a pulsão de morte, para evitar a desintegração do organismo. Com o avançar do desenvolvimento psicosexual, a libido começa a direcionar o ataque pulsional para objetos externos. Nessa etapa do processo, elucida Freud (1924), a pulsão seria nominada destrutiva ou vontade de poder. A parte dessa pulsão, colocada diretamente a serviço da função sexual, é o sadismo como tal. Uma parcela dessa pulsão, que não compartilha dessa emoção para fora, permanece recalcada e, por assim dizer, dentro do organismo. Sua reativação configura o masoquismo original-erógeno. É pelo enlaçamento com a libido que o resto da pulsão de morte, como componente, encontra no eu o seu objeto, via masoquismo. O “masoquismo seria assim prova remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre o instinto de morte e Eros se efetua” (Freud, 1924, p. 182).

Aqui, a agressividade é um efeito que se reparte na dupla direção do eu e do objeto, determinando, em arranjos complexos, as posições sádica e masoquista. Nesse contexto, entra em cena o supereu, justamente nas experiências em que o sentimento de culpa organiza o sintoma. Ele, o supereu, assume o lugar de um agente sádico dentro do sistema psíquico, produzindo uma tensão entre o eu e essa instância. Essa tensão é decorrente da percepção do eu que não esteve à altura do ideal do eu (representado na atualidade pelo supereu), levando à produção da fantasia de ser punido; o “supereu – a consciência em ação no ego – pode, então, tornar-se duro, cruel e inexorável contra o eu que está a seu cargo” (Freud, 1924, p. 185). O supereu, desse modo, torna-se a agência que conecta as coordenadas pulsionais da agressividade à fantasia. Assim, tentaremos organizar esses aspectos no que se instituiriam como efeito do supereu e na estrutura da fantasia e formas de dar um destino para a agressividade.

### **3.3 Supereu: fantasia e destinos da agressividade**

É preciso estar atento a esse aspecto do supereu na estrutura psíquica. Sua potência está no laço libidinal que o eu realiza com o ideal do eu, que antecede o seu surgimento. Portanto, como expressa Freud (1924), o supereu ocuparia a posição de algo como o último representante da moralidade parental no psiquismo, o que, em tese, explica a sujeição que o eu efetiva ante a essa instância. Do autoerotismo à constituição de um eu, de um eu ideal a um ideal do eu, culminando com a instalação em definitivo do supereu, eis um processo que leva o indivíduo a ter de se haver com a perda de uma satisfação narcísica. Lembra-nos Freud (1930) que, na busca pela felicidade, o programa do princípio do prazer tem de se haver com o princípio da realidade e isso não se faz sem o custo de uma redução de experiências prazerosas, apesar do embate entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Esse processo fundante terá implicações na maneira

como o eu irá se relacionar com a civilização, em decorrência da cota exigida por esta quanto à redução do prazer, marcando, indelevelmente, um conflito entre o indivíduo e o social. Desse modo, a vida para o indivíduo, dentro da cultura, é árdua, prenhe de sofrimento e decepções, estabelecendo, assim, um dos entraves na busca de realizar o programa do princípio do prazer. Em essência, a felicidade que se obtém é tênue e fugidia e isso produz efeitos no modo como o indivíduo irá se relacionar com a sociedade. O que está em causa é o início da formação do eu e sua relação com a autoridade paterna, na constituição do superego, e o lugar da agressividade nessa organização. E é do manejo da agressividade, componente importante da tragédia constitucional do indivíduo, que retorna um supereu cruel. Afinal, a cultura impõe ao indivíduo a não se satisfazer de suas pulsões como bem entende. Diante disso, o eu busca formas substitutivas de satisfação pulsional. Contudo, com frequência, fracassa, pois nenhuma delas será capaz de drenar, integralmente, a força dos impulsos agressivos. Ora, a própria neurose, ao atestar isso como saída possível, viabiliza sofrimento. Assim, a intensificação do sentimento de contrariedade com a vida, na civilização, está centrada na renúncia da satisfação pulsional, que o indivíduo é obrigado a fazer, acarretando-lhe um alto custo para sua vida social e sexual. Então, a fantasia ocupa lugar privilegiado para suportar todo esse tensionamento, apesar da prevalência do sofrimento decorrente da recusa da satisfação pulsional. Destacamos, aqui, a questão central do esforço do neurótico para ocultar sua agressividade e seu retorno sobre si e nas mais diversas maneiras. O supereu freudiano, ancorado em uma supermoralidade, opera, com crueldade, a partir do sentimento de culpa, e essa inversão da satisfação pulsional sádica, que o eu experimenta no primeiro tempo da fantasia, é notória. Ele passa a ocupar o lugar sádico e força o eu, com a promessa de uma satisfação, a adotar uma posição masoquista, na dor. Portanto, a agressividade, que fora, inicialmente, colocada para fora, retorna para o eu e o circuito se reinicia. Nesse sentido, como apontamos anteriormente, o que organiza a estrutura do que será chamado eu é uma disputa travada na relação entre o amor e o ódio ao objeto. E é nesse contexto que o eu é forjado, como diz Freud (1921), no tanto em “que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921, p. 116).

A identificação ganha maior complexidade quando considera seus efeitos na formação grupal. Assim, é a partir de um traço e da qualidade emocional daquele que foi tomado por modelo que os membros do grupo vão buscar se identificar “e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder” (Freud, 1921, p. 117).

O fascismo, como veremos mais à frente, estrutura-se, essencialmente, nessa conformação, nesse feito. É preciso reconhecer a força desse laço mútuo entre os membros do

grupo, que se conectam à figura do líder, favorecendo o manejo da agressividade difusa, que está em circulação. Diante disso, é necessário destacar que se o supereu freudiano é estruturado no campo da moralidade, como viemos apresentando, e é um herdeiro do complexo de Édipo, cuja operação se dá no campo da obediência, da proibição da satisfação pulsional, impondo limites ao gozo. Como pudemos observar, seus efeitos se apresentam naquilo que se organiza, por exemplo, no sentimento de culpa. É, portanto, um gozo fálico, considerando o recuo do neurótico ante a ameaça de castração. Distintamente, o supereu lacaniano se apresentaria amoral e sem essa vinculação com o ideal do eu, mas sim com a pulsão de morte com base no imperativo goze. Embora haja essa distinção, é preciso levar em consideração uma outra possibilidade superegoica que Braunstein (2007) localiza como kleiniano, em que esse, sim, adotaria uma posição obscena e feroz em que o gozo seria irrefreado e alheio à linguagem e se colocaria em uma posição de não querer saber nada do nome-do-pai, localizado no campo das psicoses. Assim, o supereu lacaniano impele a gozar, igualmente como os outros dois, porém esse gozo passa pelo discurso, pela via do semblante, em uma tentativa de recuperação do gozo perdido. Braunstein (2007, p. 329) afirma que:

este terceiro supereu deve se distinguir da perversão que poderia ser seu ponto de desembocadura, como são para os outros dois a psicose e a neurose. A diferença, apesar de sutil, é importante: é a diferença que há entre um fazer semblante de gozar, próprio do perverso e um gozar de fazer semblante, de uma gaia ciência dionisíaca que se estende além do fracasso em ordenar o saber e o viver segundo os objetivos apolíneos da completude, da integração e da harmonia entre o homem e o mundo ou entre o homem e a mulher. Além da culpa, além dos ideais, além do princípio de prazer, além do bem e do mal, do pai e do sentido, mas não além do semblante ou da máscara.

Essa advertência é importante, pois, embora sutil, o imperativo do supereu lacaniano não se refere, em si, a uma posição perversa. Contudo, é preciso reconhecer que a forma e o seu conteúdo parecem provocar algo nesse sentido, o que pode causar confusão ao ser observado. Contudo, acentuadamente, é possível localizar essa distinção naquilo que se organiza na estrutura da neurose e da perversão entre se identificar com sua falta e, a partir disso, realizar seu ato, ao passo que, na perversão, essa identificação do sujeito com a falta do Outro, vem a desmentir, colocando-se como ele o instrumento do gozo que falta, tendo como referente único o gozo fálico. Portanto, como viemos discutindo, se, de um lado, no período delineado por Freud (1930) no mal-estar, o supereu cumpria a função, via simbólico, de produzir o efeito de recuo do neurótico ante o gozo (portanto, diante da moral), o supereu lacaniano desvela uma face da pulsão de morte na imposição do gozo sobretudo de maneira amoral. Pensamos que

esse estatuto do supereu lacaniano nos permite compreender os efeitos que se apresentam na estrutura do movimento fascista a partir de uma promessa de tudo gozar e a qualquer custo, mesmo que isso implique a destruição generalizada. Dessa forma, o que o fascismo induz, em sua estrutura, dá-se pela via desse imperativo; é a experiência de exercer sua agressividade não mais como atividade passiva, mas, principalmente, fazê-la transitar para a hostilidade, valendo-se da violência, a fim de exercer seu direito na proporção de um gozo, aparentemente, sem culpa. Nesse sentido, concordamos com Lacan (1963), a respeito da questão do direito ao gozo, que Sade evoca para si diante da liberdade do Outro, e localizamos sua semelhança na estrutura do movimento fascista, isto é, que tal discurso se “instaura como sujeito de sua enunciação, e não de uma maneira que difira do tu és, que se evoca do fundo mortífero de qualquer imperativo” (Lacan, 1963, p. 782).

Tanto em Sade quanto no fascismo, o direito ao gozo é o direito de gozar do corpo do Outro. Isso é inalienável e, de maneira nada sibilante, escuta-se o imperativo superegoico e sua amoralidade, mas, fundamentalmente, o traço da pulsão de morte. Dessa maneira, abre-se caminho para não mais fantasiar a destruição do outro e pagar com o retorno disso, via supereu, ou responder de maneira masoquista, tal como se daria no caso se o supereu da atualidade fosse aquele desenhado por Freud, baseado na moralidade. O supereu da atualidade, amoral, acopla-se, com precisão, naquilo em que se estrutura o movimento fascista, sustentado na noção do direito ao gozo, pela via de ligação do ódio. Assim, em uma lógica imperativa, induz/ordena ao sujeito gozar em nome de algo maior, de uma nova civilização, mesmo que, para isso, destrua a civilização.

#### **3.4 Fascismo, fetiche e o direito ao gozo: o ódio é uma via de ligação? Elementos para uma compreensão do fascismo à brasileira: a incidência do significante comunista**

Pensamos ser necessário fazer aqui algumas observações sobre o fascismo e esclarecer por que estamos localizando-o na estrutura daquilo que se convencionou ser chamado de “bolsonarismo”, ou seja, o equivalente aos traços consistentes de uma estrutura fascista. Para uma melhor abrangência desse contexto, nas suas relações político-sociais, cabe-nos a indagação: o que seria, portanto, o fascismo clássico/histórico? A nosso ver, Paxton focaliza seu modo de atuação, definindo-o como uma:

forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação

desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetidos a restrições éticas ou legais de qualquer natureza (Paxton, 2007, p. 358).

O autor, em *Anatomia do fascismo*, aponta que alguns estudiosos desse movimento político, regime estabelecido por Benito Mussolini na Itália, determinam seu decesso em 1945, mesmo que localizassem sua presença em épocas posteriores a esse período. Segundo análises, o fascismo não estaria mais no seu significado real, sendo que a própria existência de um racismo ou de um nacionalismo francamente abertos não seriam suficientes para sustentar sua configuração anterior. No entanto, Paxton observa que o fascismo, no presente ou no futuro, não teria de, necessariamente, ter uma semelhança total com o clássico em seus signos e símbolos externos. Isso porque seus apoiadores dariam a ele um outro nome e usariam símbolos novos, o que não o deixaria menos perigoso quanto às suas implicações – pelo contrário. Há possibilidade de fazermos distinções significativas entre autoritarismo, ditadura militar e fascismo. No primeiro caso, o autoritarismo tem por característica básica manter desmobilizadas e passivas suas populações, com um Estado forte, porém limitado. No segundo, a ditadura militar tem uma aproximação maior com o fascismo, o que pode gerar certa confusão, pois ambos se estruturam na militarização de suas sociedades, tendo como base o fetiche pelas armas de fogo e pelos uniformes. E igualmente, como no primeiro caso, evitam a excitação de suas populações, prescindindo, portanto, do fracasso da democracia para que se dê sua instalação – tal como pôde ser visto no cenário político do Brasil a partir de 1º de abril de 1964 – a noite de 21 anos. No bolsonarismo, encontramos alguns pontos definidores do fascismo, propostos por Paxton, tais como: 1) a preocupação com a decadência e a humilhação, localizadas na mistura de fascismo com neopentecostalismo, na estrutura de uma perseguição (inexistente) de cristãos e pessoas de direita; 2) embora não constitua um partido de base popular, trata-se de uma organização popular pujante com um discurso nacionalista, engajado e que opera, como pôde ser visto nos quatro anos de governo Bolsonaro e no período que antecedeu sua ascensão, com um trabalho cooperativo, ainda que desconfortável, mas eficaz, com as elites tradicionais (políticas, econômicas, militares...) e a repulsa à liberdade democrática; 3) ainda que a limpeza étnica não estivesse abertamente localizada em suas expressões, as ações do governo federal, nesse período, em relação às populações tradicionais, como os Yanomami, apontaram para algo muito preocupante nesse sentido, bem como a condução da crise sanitária de Covid-19, com a morte de aproximadamente 700.000 brasileiros e brasileiras; 4) por fim, a violência como redentora, apresentada e praticada sem nenhuma

restrição ética ou legal, foi a base do discurso do bolsonarismo, que culminou com efeitos sociais práticos, como assassinatos de lideranças quilombolas, indígenas e interessados na causa, como o indigenista Bruno Pereira e o britânico Dom Phillips, além de partidários do Partido dos Trabalhadores. Assim, estamos considerando esses aspectos, embora outros mais poderiam vir em auxílio de nossa argumentação. Distintamente do movimento integralista brasileiro, que operou no início do século XX, quando seu auge atingiu 180.000 membros assumidamente fascistas, vindo a se desfazer pela ação de Getúlio Vargas, ao instituir o Estado Novo, o bolsonarismo ascende ao poder e, na atualidade, conta com aproximadamente 40% de apoio da sociedade brasileira. Não é um contingente de pessoas a ser desprezado, ainda que nem todos partilhem de suas ideias. Como vimos destacando, o fascismo opera com base no ódio a.

De posse dessa cartografia, pensamos que ser possível entrar na discussão dos efeitos desses processos, quando a formação grupal é estruturada em um tipo de laço cujo ódio se instaura a partir de uma estrutura discursiva que orientará o modo de ligação libidinal. Aqui, voltamos à observação de Lacan (1969), a respeito da produção dos quatro discursos, feita pela via do Direito (como ciência jurídica), quando nos é possível perceber como o discurso estrutura o mundo real em uma articulação significante. Definindo, um discurso não é algo sem sentido; ele organiza um modo de vínculo social baseado na palavra e, com isso, engendra uma leitura da realidade, um modo de gozo, portanto, de lidar com o mal-estar. Nesse sentido, destacamos o fascismo como estrutura que privilegia, pela manobra do medo e da raiva, o trânsito para o ódio como via de ligação. Conforme observa Madeleine Albright, em seu livro *Fascismo: um alerta* (2018), diferentemente de uma monarquia ou ditadura militar, que são impostas, o fascismo se entranha na sociedade pelas vias do medo, da raiva e de uma sensação de perda. Quanto mais intensa for a mágoa existente, maior será a penetração do líder fascista e mais expressivo o número de seus seguidores. E, aqui, as operações de semiótica, de ataques aos sentidos, ao modo de engendrar uma leitura da realidade instituem uma estrutura conflitante, levando a um tensionamento psíquico todos aqueles que acessam tal leitura proposta pelo fascismo à brasileira, por mensagens diárias de terror, ameaça e messianismo, que chegam pelos aplicativos de mensagens, programas televisivos, radiofônicos, os quais vão construindo o caminho para liberar uma massa de pessoas ao exercício da violência sem que estas, com isso, insinuem um encontro com a culpa ou com a angústia. Relativamente a esse ponto, cabe-nos recordar que o ódio é instituído na junção entre o real e o imaginário, tal como observa Lacan (1954/1986). Observamos que o fascismo opera, com precisão, a instituição do ódio a por meio de operações realizadas com mensagens falsas e conteúdos aparentemente delirantes cujos

efeitos originam uma conexão do dito real com construções imaginárias individuais e coletivas acerca de determinado grupo social, produzindo ataques aos sentidos. Portanto, o fascista/fascismo opera a partir dos afetos, intensificando-os, ao mesmo tempo que espera que seus seguidores façam exatamente o que é ordenado pelo líder. Paxton, em *A anatomia do fascismo* (2007), aponta que, diferentemente do liberalismo, do conservadorismo e do socialismo, os quais possuem uma base filosófica, orientando seu modo de organização, o fascismo se dá pela via da ligação afetiva entre a massa e o líder. Portanto, não é por uma verdade de uma doutrina, e sim por um entrelaçamento místico do líder com o destino histórico de seu povo (Paxton, 2007).

Esse aspecto pode ser observado naquilo em que se estrutura o fascismo, pois ele não está vinculado a um sistema filosófico complexo, mas, sim, a um “sentimento popular sobre as raças superiores, a injustiça de suas condições atuais e seu direito a predominar sobre os povos inferiores” (Paxton, 2007, p. 38).

Aqui, já podemos localizar o traço comum para o estabelecimento da identificação e da qualidade emocional, amor e ódio, que Freud (1921) nos apresenta como condições necessárias para a constituição do grupo. Destacamos a sensação de injustiça e o direito a predominar sobre os povos inferiores. O ódio, como sabemos, é uma paixão poderosa e, facilmente, arregimentada a exercer sua potência. Nesse direcionamento, consideramos a observação de Freud (1921), no texto *Psicologia de grupo e análise do eu*, a respeito da constituição de grupos complexos cuja liderança/ideia dominante seja organizada em torno de sentimentos negativos; portanto, “o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva” (Freud, 1921, p. 111). Como vimos discutindo, o neurótico se esforça, de maneira significativa, para evitar um encontro com sua agressividade, chegando a situações extremas, como o sentimento de culpa e o desejo de torturar, os quais retornam como autotortura e punição.

Destarte, qual é a solução que o fascismo opera para capturar o neurótico para o seu projeto e fazê-lo expressar sua agressividade sem culpa e angústia? A erotização do ódio. É preciso considerar que a idealização da violência é um componente-base dentro do fascismo, atual ou histórico, como observa Paxton (2007), categorizada na qualidade de uma virtude inerente à raça superior. É preciso levar isso ao limite do sentido, pois estão ali dois significantes-chave: virtude e inerência. Será por eles também que se criará uma atomização das classes, para, posteriormente, constituírem-se duas classes-base: a superior e a inferior. No Brasil da atualidade, observamos a distinção entre cidadão de bem, aquele que está como raça superior, e os comunistas, significante que ordena o lugar referente ao objeto a ser odiado e que

acolhe tudo aquilo que não é do bem. Assim, por via dessa paixão, o ódio produz uma ligação emocional entre o líder e os membros do grupo e decorre daí a virada que o fascismo opera com significativo sucesso, dando autorização para práticas que deslocam a agressividade como atividade passiva para a hostilidade, então representada na violência em toda sua potência. O texto de Freud, *Mal-estar na civilização*, registra essa distinção, destacando que o ser humano é capaz de praticar atos terríveis a seu semelhante. A história da humanidade registra esse fato: sentindo-se à vontade, o ser humano explora, humilha, tortura e mata o seu próximo sem demonstrar qualquer traço de hesitação. Esse é um ponto importante, pois nele se dá a combinação de elementos significativos do traço distintivo da agressividade operada na estrutura fascista, naquilo que se transforma em perversão social. Nessa via, ainda que se considere que ocorra dentro de um grupo, como observa Freud (1921), a redução da capacidade intelectual e uma intensificação da submissão à emoção, é de se esperar que, após a incidência de atos de hostilidade, por vezes direcionados a familiares ou amigos, a culpa venha fazer sua visita. Certificamo-nos de que há algo de uma posição instrumental dos indivíduos no fascismo, que é significativo e que institui um fora. Cabe-nos a pergunta: por que essa posição instrumental seduz tanto o neurótico? A questão é justa: nesse contexto, sobre o qual refletimos, presumimos que nem todos que estão na sustentação do fascismo, ao fazer sua defesa, compartilham a totalidade de suas ideias. Calligaris, no texto *A sedução autoritária* (1991), afirma que haveria uma paixão, uma tendência no neurótico em direção a essa instrumentalidade, como tentativa de fazer existir, via semblante, um saber paterno compartilhado, constituindo este uma fantasia comum, isto é, o praticar juntos o mesmo fantasma. Desse modo, é preciso que algo ocorra na estrutura psíquica do indivíduo, para que ele dê conta da percepção da realidade, evitando, assim, o encontro com a angústia. Portanto, é preciso se ater ao fato de que, na ideologia fascista, como observa Žizek (1990), há uma luta contra o elemento que é apontado como ocupante do lugar da impossibilidade imanente do seu projeto. Refletindo, no nazismo, o judeu ocupou esse espaço encarnado como objeto fetichista dessa barreira.

No caso específico do Brasil, esse lugar seria ocupado pelo significante comunista, que surge, na atualidade, como objeto fetichista dessa impossibilidade imanente de realização do projeto fascista/capitalista. A dedução de que todo aquele que se levanta contra o projeto seja qualificado como comunista não está destituída de sentido e fazem parte dessa lista professores, instituições universitárias, artistas, jornalistas, outros sujeitos e instituições que, muitas vezes, do ponto de vista do espectro político, estariam à direita ou à extrema-direita. Assim, é possível observar algo como se fosse delirante, que se forma em torno da estrutura fascista, mas é

importante localizar que se trata de um desmentido se fazendo presente. E, mais: o que do real é excluído, retorna no simbólico como culpa dos comunistas. Essa questão da impossibilidade imanente é o que Freud caracteriza como mal-estar, isto é, o antagonismo é estruturante nas/das relações sociais, o que o discurso autoritário, fascista, busca negar. Contudo, ele acaba revelando sua verdade – sua divisão –, seu real. E vai além, como observa Peixoto Junior (1999): o que está em causa é o elemento da impossibilidade de ocupação do lugar do poder absoluto, uma vez que, em uma democracia, o poder é distribuído e regulado pela sociedade. Além disso, a “perversão social [...] busca justamente criar estratégias que permitam subverter esse estado de coisas instalando um saber sobre o gozo como referente absoluto para a regulação social” (Peixoto Jr., 1999, p. 121).

Assim, qualquer presença da impossibilidade do projeto é culpa de seu objeto fetichista, encarnação do mal, que, ao mesmo tempo que é rejeitado, é convocado para assegurar a identidade político-ideológica. Tendo isso em conta, seguindo nossa argumentação, esse significante comunista opera uma mudança de posição como objeto, ao longo do século XX para o XXI no Brasil. Antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial, o significante comunista, a partir do discurso do conservadorismo brasileiro – inclusive no curso da ditadura militar de 1964-1985 –, ocupou o lugar de um objeto fóbico, produzindo processos identificatórios consistentes, sendo, ainda, localizado como se fosse o seu Outro. O conservadorismo brasileiro localiza, no comunismo, esse objeto fóbico, representado como um perverso, que traz consigo as piores intenções, além da vertente de que, nos países socialistas, imperariam a escravidão e a devassidão moral. Portanto, ele se revela como inimigo da boa sociedade, um desvirtuador do significado de família, o qual “abala as bases do próprio cristianismo e da Igreja Católica” (Guimarães, 2014, p. 45). No entanto, ao longo de uma década (1920-1930), as Forças Armadas do Brasil não localizaram o anticomunismo em sua estrutura. Guimarães, em sua tese de doutoramento *Outras formas de enfrentar a ameaça comunista* (2014), relata-nos que, até 1934, o Estado-Maior do Exército não incluía a União Soviética nem o comunismo na lista de potenciais ameaças ao Brasil. Foi a partir de 1935, com a chamada Intentona Comunista, que se operou a mudança, nas Forças Armadas Brasileiras, culminando com o Estado Novo, de Getúlio Vargas, e com o golpe de 1964. Seguindo com Mendes (2004), observamos que o anticomunismo está na base da operação de uma resposta, a qual localizamos no campo imaginário, que instiga, na democracia, um caráter autoritário e, no clero, um posicionamento de antirreligiosidade. Já no conservadorismo, ele é contra a manutenção do status quo, enquanto, na ordem liberal, o problema se coloca no âmbito das ambiguidades em

relação à propriedade privada. Ressaltamos que em “muitos momentos da história esses matizes apresentam-se interligados e mesclados” (Mendes, 2004, p. 81).

Nesse panorama de tensionamento diante da “ameaça comunista”, o que se destaca é o objeto fóbico já existente, que, circulando na sociedade, fascina o fascismo, apontando que haveria um aspecto desagregador do comunismo contra o qual ele se arvora a dar uma solução, via força, uma vez que, para ele, nem o conservador nem o liberal teriam coragem de exercer. Assim como a República de Weimar para o nazismo, na Alemanha, e na Itália pré-Mussolini, o que se viu foi a junção de conservadores, liberais e centristas dando suporte às propostas fascistas, abrindo caminho para que ascendessem ao poder e estivessem protegidos da ameaça comunista. No Brasil da atualidade, não foi diferente. Assim, o que o fascista operará é a mudança do objeto; afinal, lembremos, pois isso é importante, o fascismo acredita na superioridade de uma raça sobre a outra, ao passo que o conservadorismo espera preservar o status quo.

Voltando-nos ao Brasil, 29 anos após a Intentona Comunista, o conservadorismo brasileiro, por meio da oferta desse objeto fóbico, junto com as Forças Armadas em 1º de abril de 1964 conseguem operar um golpe de Estado, impondo uma ditadura civil-militar-empresarial de 21 anos. Nesse sentido, para o conservadorismo brasileiro, desde a década de 1920, o significante comunista faz sua aparição como o elemento que opera de certo lugar do objeto a, aquilo que mantém a estrutura de uma montagem fantasmática, ao mesmo tempo que se coloca ali como inassimilável, como a sombra da própria dissolução dessa montagem. Na primeira etapa do fascismo, em sua infiltração, ele faz uso desse objeto do conservadorismo. Porém, indagamos: no fascismo, esse estatuto de objeto fóbico seria suficiente para amalgamar as identificações e evitar um encontro com a angústia? Ainda que haja algumas aproximações entre um e outro, observamos que, diferentemente do conservadorismo, o objeto, no fascismo, é colocado como imanente do impedimento do projeto. Obtendo um lugar de causa, de algo que precisa ser visto e não visto ao mesmo tempo, no que produziria seus efeitos de tratamento da castração. Nesse contexto, podemos dizer que, no fascismo, o objeto imanente, que surge, é um objeto fetichista.

Assim, considerando o afeto-base do fascismo a raiva, que transita para o ódio, é justamente aí onde entra o objeto fetichista, o qual cumpre a função de manter coeso o grupo e afastada a realidade. Para tanto, é preciso arregimentar uma importante defesa psíquica para lidar com as contradições do fascismo, que resultariam em uma clivagem do eu.

#### 4 CONCLUSÃO

Por mais que haja uma identificação consistente com o líder, é preciso que algo seja colocado externamente ao grupo para ordenar os afetos, para dar sustentação às contradições. Na formação grupal não fascista, isso se dá pela miragem identificatória com o líder, via idealização. Assim, haveria um vazio onde ficaria o objeto externo do grupo representado no gráfico, que Freud apresenta em *Psicologia das massas*, como observa Peixoto Junior (1999). Tal gráfico é preenchido pela idealização, em uma tentativa de evitar a pulverização caso o ideal caia. Entretanto, no fascismo, a idealização não é suficiente para manter a coesão, ainda que seja um componente importante devido às contradições com a realidade. É preciso se ater a isso, porque a estrutura fascista leva o psiquismo a um tal nível de tensionamento, com o ataque pulsional sendo contínuo. Nesse sentido, é preciso que algo mais venha ocupar o lugar do objeto externo, junto com a idealização, e é pela estruturação de uma montagem perversa, considerando o referente absoluto sobre o gozo, que se elege um grupo dentro da sociedade para exercer a posição de objeto fetichista, ao qual será direcionado toda sorte de violência, sem que os fascistas ou apoiadores, aparentemente, façam um encontro com a culpa e/ou com a angústia. Dessa maneira, e considerando o efeito da liberação da amarra da culpa, operacionalizado pelo fascismo, é preciso que algo ocorra no psiquismo que constitua uma possibilidade de coexistência de elementos contraditórios, a saber, a satisfação na dessubjetivação. E nisso temos, do texto de Freud (1927) *O fetichismo*, uma primeira entrada a respeito dessa clivagem.

Nesse direcionamento, observamos em Freud que, ao erigir o fetiche, o fetichista institui, via imaginário, uma proteção contra a ameaça de castração e o símbolo da vitória sobre ela. A contradição é evidente e é pelo fetiche que se encontra uma saída ante a angústia, que poderia invadir o sujeito sem esse objeto. É preciso distinguir aqui dois elementos. Se, por um lado, diante de algo insuportável, alguns sujeitos realizam a clivagem no eu como defesa primária, o fetichista dá um passo à frente e realiza a atribuição ao novo objeto, ato consciente. É importante observar que, na estrutura da *Verleugnung* (negação/desmentido), dessa defesa particular, há uma universalidade não sendo, portanto, uma defesa específica de uma estrutura clínica, se podemos nos expressar assim. Entretanto, uma defesa que pode ser convocada em situações de extrema angústia, em que o eu se veria confrontado com algo insuportável e, ao permanecer a ideia, sofreria, instituindo, assim, uma segunda ideia que negaria a primeira, protegendo-o de uma parte da realidade. E é de modo semelhante a interrupção da memória na amnésia traumática, como observa Freud, ao afirmar que o fetiche é instituído um pouco antes da visão traumática, isto é, o processo todo do desmentido/*Verleugnung* é o de transferir “a

importância do pênis para outra parte do corpo, procedimento em que foi auxiliado pelo mecanismo de regressão” (Freud, 1938, p. 295).

Esse procedimento ocorre, preservando o pênis do fetichista enquanto ele modifica, via deslocamento, o corpo feminino. É preciso destacar que, do ponto de vista do imaginário, a percepção do futuro fetichista é que a ameaça de castração, com a visão do órgão feminino, é algo real e produz um encontro com o insuportável para aquele sujeito. Ao se referir, no texto *Fetichismo*, que essa resposta se compara com aquela emitida em situações traumáticas, Freud nos chama a atenção para a importância dessa defesa do eu ante algo insuportável.

Desse modo, distintamente do neurótico, que recalca; do psicótico, que elimina a percepção; o fetichista irá, conscientemente, recusar a visão da castração. O fetiche, essa operação particular, cumpre uma função ainda mais importante do ponto de vista do narcisismo que é a de tentar manter o que falta à mãe, mesmo inexistente, e continuar se identificando com aquilo que não está lá – o falo. Nesse sentido, Calligaris observa que a *Verleugnung* desmente “a inexistência do falo materno – é algo que o eu, ou parte dele, terá que necessariamente reconhecer na realidade. A denegação visa preservar uma ilusão quanto ao ser do sujeito, ilusão que, como veremos, é a pedra angular do eu (Calligaris, 2022, p. 176).

O retorno a essas elaborações a respeito do fetiche cumpre uma função importante para designar, com maior precisão, o que apontamos junto com Zizek (1990): o objeto fetiche que o fascismo institui no discurso. Na discussão que esse autor realiza, ele afirma que esse lugar do objeto fetichista estaria reservado ao judeu na estrutura fascista, de modo particular; assim, “o judeu é sacrificado como objeto do desejo; a lógica de seu sacrifício é realmente a do eu te amo, mas, por amar inexplicavelmente em ti algo mais do tu – o objeto a pequeno – eu te mutilo...” (Zizek, 1990, p. 88).

Nesse sentido, ainda seguindo esse autor, o judeu ocuparia tal lugar na estrutura fascista por fazer funcionar, como objeto fetiche, a luta de classes, mascarando-a e, eventualmente, passa a ser convocado a fazer a vez dela. Como viemos discutindo ao longo desta pesquisa, o fascismo se apresenta como uma panaceia ante a fragilidade sistêmica dos modelos políticos e econômicos do ocidente e, não sendo possível fazer o enfrentamento adequado ao capitalismo e ao liberalismo, o discurso fascista vai em direção a um agrupamento social, apontando-o como aquele que designa a desarmonia da sociedade, como elemento de “fora”. Buscamos apresentar que, diferentemente da experiência europeia, a que Zizek se refere, no Brasil, seguindo suas características próprias, não será o judeu a encarnar esse lugar de objeto fetiche que buscará mascarar a luta de classes. Esse lugar será reservado ao comunista, que se apresentará como um

significante importante, o qual será instituído nesse lugar particular da desarmonia, sem sequer ser refletido o lugar da luta de classe.

No período que antecede 1964 e o golpe de Estado civil-militar-empresarial, o comunista, esse significante, ocupava uma posição de um objeto fóbico, que produzia medo, essencialmente, naqueles que não se localizavam no espectro da esquerda, com base no discurso do conservadorismo brasileiro. Na atualidade, observamos que há uma mudança significativa em relação ao comunista. Ele não produz exatamente medo, mas cumpre a função de mascarar, mais uma vez, a luta de classes, enquanto o fascismo aproveita para atacar o Estado brasileiro.

Nesse direcionamento, nossa hipótese é de que, em decorrência do ataque, a estrutura da verdade, do saber, constituída em determinada sociedade, em algum momento, por aqueles que constituem a base da massa fascista, operaria a clivagem do eu, autorizando o exercício de práticas violentas. Inicialmente, pelo verbo e, posteriormente, sobre/no corpo daquele que foi colocado como objeto fetiche que, lembremos, cumpre a função de mascarar o que efetivamente está acontecendo na realidade.

Diante disso, o que se observa é que uma operação cuidadosa é efetivada pelo fascismo para estruturar “A” verdade, e o uso dos AIE, instituídos no capitalismo, do modo como conhecemos atualmente, é parte importante para a consolidação do poder fascista. A intensificação da prática cínica como forma de operar sobre a realidade é um aspecto significativo de desestabilização de sentimentos, afetos, sentido. O fascismo, em suas contradições, inclusive a respeito da sua crítica ao liberalismo e ao capitalismo, não consegue apresentar sequer uma ideia que possa superar ou contrapor esses dois modelos e é, em grande medida, apoiado e sustentado pelo capitalismo, realizando uma solução de compromisso de uma coexistência relativamente amistosa. Enquanto isso, a luta de classes, como chama atenção Zizek (1990), deverá ser negada e mantida, mas de um modo particular, como buscamos, junto com esse autor, discutir a instituição de um objeto fetichista como operador de certo modo de gozo.

O líder, enquanto isso, mantém o ataque, utilizando-se, para tanto, da disjunção entre verdade e saber, a qual produz efeitos significativos no humor da massa. É dela que vem a autorização e é em função dessa disjunção que serão realizados os atos, mas não só; serão feitos por cada um ao seu modo, objetivando retirar a sua parte de gozo prometida. Assim, nossa tentativa com este trabalho é refletir sobre a questão do gozo, pois pensamos ser ele o que importa na estrutura do movimento fascista.

Buscamos apresentar, nesta pesquisa, uma reflexão a respeito das questões que atravessam, no início do fascismo, em sua fase de captação de adeptos, que acreditamos

organizar uma oferta de uma comunidade com uma promessa, imaginária, de solução para os impasses relativos à satisfação pulsional; e o que, em uma segunda fase, irá configurar na liberação de práticas violentas contra determinados grupos sociais.

As ideias de Althusser (1970/1996) a respeito dos Aparelhos Ideológicos são interessantes de formas distintas e nos auxiliam na compreensão da instituição do fascismo dentro da sociedade com relativa facilidade nessa transição, aparentemente não tão distante entre algumas práticas do capitalismo e o que efetivará o movimento fascista. A discussão sobre a imoralidade indireta, via cinismo, é um aspecto importante na constituição do ataque aos modos de engendrar certo sentido da realidade compartilhada em determinada sociedade.

Destacamos, ao longo de nossa discussão, a questão do gozo, como elemento orientador dentro do fascismo, como aquilo que é roubado e deve ser restituído, e da liberação da agressividade para a agressão como possibilidade de gozar no/sobre corpos específicos.

Diante desse aspecto do gozo e dos impasses na atualidade quanto à satisfação pulsional, acreditamos que não seja surpreendente que uma estrutura discursiva como o fascismo tenha tantos adeptos. O uso das mídias sociais e seus algoritmos potencializam os efeitos da interdição do debate, uma das faces do fascismo, instituindo um campo de puro gozo na palma da mão. Isso não é sem efeito e consequência.

Pensamos que é exatamente daí, dessa vontade de gozo, que se encontra a ligação possível entre o movimento fascista e o exercício de um gozo sobre/no corpo do outro, liberando-se o neurótico de uma amarra central – o sentimento de culpa. É importante destacar que não desconsideramos os efeitos de manipulação dos sentimentos e afetos que o fascismo realiza. Tal manipulação produz sua marca. O uso incessante de notícias falsas produz um efeito significativo de mudança do registro, no modo de se relacionar com o saber, com a verdade e com a realidade. Como tentamos apresentar no início deste trabalho, há complicações ao se realizar uma análise sobre o fascismo. Se, em sua primeira aparição, o líder é forte, intelectualmente superior; na atualidade, ele se apresenta como um bufão. Assim, seguindo as indicações do professor Dr. Guilherme Massara Rocha, concordamos com ele que as operações de alienação que o fascismo, ora aqui examinado, promove são mais complexas, sobretudo nesse ponto: o líder (as operações de liderança), tomado como ideal nesse arranjo, converte-se em uma espécie de anti-herói. E esse tipo particular de degradação parece seguir uma direção diferente daquela que Freud (1921) supunha de o líder ser dotado de predicados e virtudes que faltam naqueles que lidera. Ele convence seus subordinados de que é tão faltoso quanto eles, e a identificação se dá por uma via em que a falta é um elemento constitutivo. Como complemento dessa operação, a caricatura de um poder ilustrado e idealizado é apresentada pelo

fascismo/bolsonarismo como semblante do pior – a esquerda, que supostamente reivindica seu parentesco com o povo, na verdade dissimula sua natureza perversa e usurpadora. A estrutura semiótica apontada no início deste trabalho volta para dar sustentáculo à produção dessa narrativa e de seu valor irredutível de verdade.

Destarte, em que pesem esses efeitos, indagamos: o que nos lembra a Psicanálise na estrutura de sua teoria, reafirmada na clínica ou nos espaços das cidades? A agressividade é constitucional e é o neurótico que paga com alto custo, por estar em sociedade, com a perda de um gozo, que o exercício de liberação (fantasia ele) da agressividade para a agressão produziria de alívio. A própria experiência da chamada “consciência de culpa”, discutida por Freud (1924) a respeito da economia do masoquismo moral, é uma tensão entre o eu e o que demanda o supereu. A resposta do eu ante a percepção de que não consegue atingir os imperativos superegóicos é a ansiedade. Uma das consequências desse circuito está em intensificar o sadismo que habita o superego, desdobrando sobre o eu que se coloca à disposição para atender a injunção, que, por vezes, dar-se-ia ao se adotar uma posição masoquista, aceitando e/ou buscando a punição da outra instância como representante último dos pais. O que se verifica, com Freud, é que “o sadismo do superego se torna, na maior parte, ofuscantemente consciente, ao passo que a tendência masoquista do ego permanece, via de regra, oculta ao indivíduo e tem de ser inferida de seu comportamento (Freud, 1927, p. 186).

No afã de não contrariar o supereu, o ego se “sacrifica” no interesse de manter o equilíbrio do sistema psíquico, deslocando uma satisfação por outra – via masoquismo. E é na fantasia, por excelência, que o neurótico viveria boa parte da experiência de transição da agressividade para a agressão. Sabemos que a fantasia cumpre um efeito importante: o de realizar um desejo sem que o faça efetivamente. Nesse sentido, diz Lacan, em *A direção do tratamento* (1958), que é possível localizar a posição do neurótico em relação ao desejo a partir da fantasia, que define a direção relativa da resposta do sujeito à demanda, a qual é suposta. O problema que se coloca na atualidade é: o que fazer quando a fantasia não consegue mais mediatizar a relação dos sujeitos e que o gozo se apresenta nessa eclosão da violência e as complicações advindas decorrentes do problema da ausência do tratamento simbólico do real estão na estrutura de um puro gozo, de um real sem Lei?

Como vimos, as imagens do 8 de janeiro de 2023, no Brasil, não seriam um vislumbre da experiência alinhada ao imperativo de um gozo, invocado em um real sem Lei? A experiência vivida na Inglaterra, após o ataque realizado em 29 de julho de 2024, não se alinha nesse mesmo direcionamento? No caso do Brasil, o 8 de janeiro não teria sido uma visão, pela fresta, de noites e dias terríveis que se avizinham do nosso cotidiano, configurando o êxito da sanha golpista?

Fica-nos a indagação: o que impediria os fascistas brasileiros, após a ameaça de tomada do poder daquela maneira e com o aporte das forças de segurança, de produzir tal cena de extrema violência contra aquele que foi instituído como objeto fetichista, o comunista?

Por fim, observando o que o jornal inglês *The Guardian* tem chamado de supercompartilhadores dentro da plataforma X (antigo Twitter), sujeitos com centenas de milhares de seguidores e que encontram nessa rede um espaço aberto para disseminação de desinformação e/ou mentiras, bem como discursos de ódio, estão ancorados na argumentação de que se trata de liberdade de expressão. Optamos por destacar essa rede considerando a atuação desvelada de seu proprietário, inclusive nos eventos recentes na Inglaterra, em que, após um desses supercompartilhadores dizer que o recém-governo inglês iria implementar campos de detenção nas ilhas Malvinas, escreveu Elon Musk, em seu perfil no X, em 4 de agosto de 2024, para seus 193 milhões de seguidores: “Civil war is inevitable”.

Afirmamos, aqui, que o fascismo, operando em uma lógica de perversão social, oferece a liberação da agressividade como forma de um gozo, aparentemente, sem culpa. Contudo, verificamos ser essa uma etapa posterior. Antes, o fascismo oferece uma comunidade, um propósito, um sentido para tudo aquilo que se via sem sentido. Esse é o ponto que se abre antes da oferta do gozo. O que está em questão é que o fascismo oferece soluções, ainda que imaginárias, para impasses referentes à satisfação pulsional, mas o custo disso pode ser a destruição de tudo.

## REFERÊNCIAS

- Alves, F. C. (2022). *Verdade e fake news: A crise do saber e suas relações com a psicanálise* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais].  
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50573>
- Albright, M., & Woodward, B. (2018). *Fascismo: Um alerta* [Tradução Jaime Biaggio]. Planeta.
- Bucci, E. (2021). *A superindústria do imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível* [Ensaio]. Autêntica.
- Braunstei, N. Gozo. Tradução de Mônica Seimann . São Paulo: Escuta - 2007, 344, pp; 21 cm
- Calligaris, C. (1991). A sedução autoritária. In L. T. T. de Aragão et al., *Clínica do Social: Ensaio*. Escuta.
- Costa, J. F. (1991) Psiquiatria burocrática: Duas ou três coisas que sei dela. In L. T. T. de Aragão et al., *Clínica do Social: Ensaio*. Escuta.
- Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 12, pp. 129-143). Imago. [Obra original publicada em 1912].
- Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 19, pp. 173-188). Imago. [Obra original publicada em 1924].
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 21, pp. 67-148). Imago. [Obra original publicada em 1930].
- Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 18, pp. 79-145). Imago. [Obra original publicada em 1921].
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 165-222). Imago. [Obra original publicada em 1915a].
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 117-144). Imago. [Obra original publicada em 1915b].
- Freud, S. (1996). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In S. Freud,

*Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 14, pp. 325-348). Imago. [Obra original publicada em 1916].

Freud, S. (1996). O fetichismo. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das*

*obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. 21, pp. 151-162). Imago. [Obra original publicada em 1927].

Guimarães, P. F. (2014). *Outras formas de enfrentar a ameaça comunista: Os programas assistenciais do Exército brasileiro como estratégia de combate à guerra revolucionária (1964-1974)* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais]. [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9W7FWH/1/tese\\_com\\_ficha\\_catalografica.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9W7FWH/1/tese_com_ficha_catalografica.pdf)

Lacan, J. (1986). *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud, 1953-1954* [Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Betty Milan]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). Kant com Sade. In J. Lacan, *Escritos* [Tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In J. Lacan, *Escritos* [Tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan, *Escritos* [Tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1999). *O Seminário livro 5: As formações do inconsciente* [Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (2005). A angústia, sinal do real. In J. Lacan, *O Seminário livro 10: A angústia* [Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 14: A lógica do fantasma* [Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife]. Centro de Estudos Freudianos de Recife.

Lacan, J. (1992). *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise, 1969-1970* [Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Ary Roitman. consultor Antonio Quinet]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1985). *O Seminário livro 20: Mais, Ainda, 1972-1973* (2. ed.) [Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de M. D. Magno]. Jorge Zahar.

Lacan, J. (1998c). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan,

- Escritos* [Tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.
- Laclau, E. (1978). *Política e ideologia na teoria marxista: Capitalismo, fascismo e populismo* [Tradução João Maia e Lúcia Klein]. Paz e Terra.
- Lima, N. L. (2006). O fascínio e a alienação no ciberespaço: Uma perspectiva psicanalítica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 58, (2), 38-50.  
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v58n2/v58n2a05.pdf>
- Lima, N. L. de, & Nobre, M. R. (2023). Psicologia das massas e o ethos digital. *Humanidades e Inovação*, 10, (4), 332-347.  
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/194>
- Mendes, R. A. S. (2004). As direitas e o anticomunismo no Brasil: 1961-1965. *Locus: Revista de História*, 10 (1), 79-97.  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20600>
- Miller, J.-A. (2012). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana Online*, 3, (7), 1-49.  
<http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero7/texto1.html>
- Paxton, R. O. (2007). *A anatomia do fascismo* [Tradução Patrícia Zimbres e Paula Zimbres]. Paz e Terra.
- Peixoto, C. A., Jr. (1999). *Metamorfose entre o sexual e o social: Uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Civilização Brasileira.
- Stanley, J. (2020). *Como funciona o fascismo: A política do “nós” e “eles”* [Tradução Bruno Alexander]. L&PM.
- Teixeira, M. A. (2007). *A violência no discurso capitalista: Uma leitura psicanalítica* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&coobra=133315](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&coobra=133315)
- Teixeira, A. M. (15 de abril de 2024). *Seminário A política da psicanálise: A deriva fascista no discurso capitalista*. [Vídeo]. YouTube.  
<https://www.youtube.com/watch?v=ve0XTwqbxHk>
- Zizek, S. (1990). *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia* [Tradução Vera Ribeiro]. Jorge Zahar.